

TIO FLÁVIO

AINDA HÁ
CÉU
LÁ FORA



AINDA HÁ
CÉU
LÁ FORA



AINDA
HÁ CÉU
LÁ FORA

TIO FLÁVIO



Copyright © 2025 by Tio Flávio

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

1ª Edição

Outono de 2025

Impresso no Brasil em Fevereiro de 2025

Capa e Diagramação: Equipe Arte Impressa Editora

Revisão: Tio Flávio

Foto da Capa: Ana Clara Orzil

Coprodução – Angelita Mercês Silva Prado

Edição Geral: Arte Impressa Editora

Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Obra realizada com recursos da Lei Paulo Gustavo, via Prefeitura Municipal de São Joaquim de Bicas, Minas Gerais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Flávio, Tio
Ainda há céu lá fora / Tio Flávio. --
Jaboticatubas, MG : Arte Impressa Editora, 2025.

ISBN 978-65-6145-041-6

1. Prisioneiros 2. Prisões - Brasil - Aspectos
sociais 3. Relatos pessoais 4. Serviço social
5. Voluntariado I. Título.

25-256005

CDD-365.6092

Índices para catálogo sistemático:

1. Prisioneiros : Relatos biográficos 365.6092

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



cultural



AGRADECIMENTOS

Às pessoas privadas de liberdade – presos, custodiados, internos, reclusos, recuperandos, encarcerados, detentos, IPLs ou qualquer outra denominação equivalente – agradeço por me permitirem ler e ouvir a parte de suas histórias que não consta em muitos documentos;

Às minhas primeiras professoras: minha mãe, Maria Luíza, e minha tia Nise Tófani (em memória);

À Angelita Mercês, pela companhia semanal nas atividades voluntárias nas unidades de São Joaquim de Bicas, e ao Conselho da Comunidade da Comarca de Igarapé;

A todos os professores das redes pública e particular de ensino, em especial aos dos Ensinos Infantil e Fundamental, e àqueles que atuam em unidades de privação de liberdade.

Aos Juízes de Direito do TJMG, que atuam ou atuaram na Comarca de Igarapé: Dra. Bárbara Isadora Santos Sebe Nardy e Dr. Bruno Henrique Tenório Taveira;

Aos profissionais de Pedagogia do Sistema Prisional de Minas Gerais, em especial aos que atuam (ou atuaram) na Comarca de Igarapé:

- Unidade Jason Albergaria: Elaine Cristine, Kenia S. A. Amorim e Tatiele Aparecida da Silva;
- Unidade São Joaquim de Bicas 1: Maria Pompéia Carneiro Araújo;
- Unidade São Joaquim de Bicas 2: Flávia Souza.

À servidora Magali Sales do Amaral e a toda a equipe da VEP da Comarca de Igarapé;

Às direções das unidades prisionais de São Joaquim de Bicas 1 (DG Carlos Alberto e equipe); e São Joaquim de Bicas 2 (DG Leandro Lino e equipe) e, em especial, às equipes dos Núcleos de Produção e Jurídico;

Ao Ministério Público de Minas Gerais, em especial aos promotores em atuação na Comarca de Igarapé: Dra. Cristina Ferreira Labarrere Nascimento, Dra. Ludmila Alessandra Vieira Bottaro, Dr. Marcelo Mata Machado Leite Pereira e Dra. Renata Faria Mota Rodrigues. E à promotora Eiko Danieli Vieira Araki (MPRO);

À Defensoria Pública de Minas Gerais, em especial à Dra. Raquel Gomes de Sousa da Costa Dias, Defensora Pública-Geral do Estado de MG, e aos defensores públicos com atuação na Comarca de Igarapé;

Às instituições e projetos: Projeto Compaixão, Comida que Abraça, Mães pela Liberdade, SENAC-MG, FaPPGeN – UEMG, Instituto Minas Pela Paz; Pastoral Carcerária Católica de São Joaquim de Bicas, DEPEN-MG, AMAGIS-MG, APACs e FBAC;

Às desembargadoras: Dra. Daniela Villani Bonaccorsi Rodrigues, Dra. Márcia Milanez e Dra. Maria Luiza de Marilac;

Aos magistrados: Dr. Afrânio José Fonseca Nardy, Dra. Aila Figueiredo, Dra. Cibele Mourão Barroso de Figueiredo Oliveira, Dr. Consuelo Silveira Neto, Dra. Daniele Rodrigues Marota Teixeira, Dra. Fernanda Rodrigues Guimarães Andrade Mascarenhas, Dr. Leonardo Guimarães Moreira, Dra. Lívia Borba, Dr. Luiz Carlos Rezende e Santos, Dr. Marcelo Augusto Lucas Pereira, Dr. Marcelo Gonçalves de

Paula, Dra. Mirella Cezar (MA), Dr. Gustavo Moreira, Dra. Simone Torres Pedroso, Dra. Solange de Borba Reimberg, Dra. Sophia Goreti Rocha Machado e Dr. Wagner de Oliveira Cavaliéri;

À Ana Roberta Cruz, que me convidou para visitar, pela primeira vez, uma unidade prisional, a APAC de Santa Luzia. À Nayara Letícia e ao Marcelo Ricco, que me acompanharam neste dia. E à Márcia Lopes, pelo convite da visita à UP Jason Albergaria.

À educadora Zuleica Reis Ávila;

À Prefeitura Municipal de São Joaquim de Bicas, MG.

EPÍGRAFE

“Nem tudo que se enfrenta pode ser modificado, mas nada
pode ser modificado até que seja enfrentado.”

James Baldwin (atribuída)

“E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer?”

Carolina Maria de Jesus

“Pássaros criados em gaiolas acreditam que voar
é uma doença”.

Alejandro Jodorowsky

OS NINGUÉNS

Eduardo Galeano

Em: “O livro dos abraços”

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns sonham em deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros. Mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem, mesmo que a mão esquerda coce ou que se levantem com o pé direito, ou que comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos.

Que não são, embora sejam. Que não falam idiomas, falam dialetos. Que não fazem arte, fazem artesanato. Que não têm cultura, têm folclore. Que não são seres humanos, são recursos humanos. Que não têm cara, têm braços. Que não têm nome, têm número. Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

APRESENTAÇÃO

“Eu ia pra escola porque eu tinha fome. Dormia o tempo todo, era de fraqueza. Até que um dia a ‘tia’ da cantina me chamou e me deu uma vasilha com a sobra da merenda para eu levar para os meus irmãos menores”, dizia um.

“Lembrança da escola? Quando eu era criança e estava na escolinha, uma professora viu que eu era um menino triste e me chamou. Naquela época, eu e meus irmãos sofríamos abuso do namorado da minha mãe. A professora não sabia, mas me disse que toda dor passa”, explicava outro.

“A gente não tinha o que comer. Um dia, cheguei na sala e tinha uma cesta básica na minha carteira. Olhei para um lado e para outro. A professora olhou para mim e sorriu. Depois, soube que cada um ajudou um pouco”, completava mais um.

Um dado da Secretaria Nacional de Políticas Penais, de junho de 2024, revela que 50,26% dos custodiados em todo o Brasil, considerando apenas os que estão em cela física, não completaram o Ensino Fundamental. O número deve ser maior, pois quase 6% da população carcerária brasileira tem esse dado como “não informado”. Analisando o Estado de Minas Gerais, são quase 60% sem o Ensino Fundamental.

Já há estudos que relacionam a baixa escolaridade às questões da criminalidade, mas a análise é bem mais ampla. A falta de acesso à escola passa pela negação ou indisponibilidade de tantos outros direitos. A escola não deveria ser lembrada por ninguém como o lugar onde a única

refeição do dia será servida ou o espaço onde a dor de uma criança foi notada, talvez pela primeira vez.

Quando falo que a solidariedade e a cidadania deveriam fazer parte da rotina da escola, não quero dizer que se deva criar uma nova disciplina (componente curricular) na grade curricular (eita, tem grade aqui também). No ato de se relacionar, o professor e o aluno estão em pleno desenvolvimento da empatia, da solidariedade, da confiança e da corresponsabilidade. Não é preciso adquirir um livro novo ou criar uma matéria para que isso aconteça. Como a própria filosofia já explica, as virtudes são filhas da prática. A solidariedade e a cidadania viriam de um ambiente em que este compartilhamento seja possível.

Como dizia o psiquiatra chileno Claudio Naranjo, “A educação não pode se ocupar só do intelecto, mas deve formar pessoas mais solidárias.” No entanto, como dizia o poeta e músico mineiro Vander Lee: “Mas a vida anda louca, as pessoas andam tristes, meus amigos são amigos de ninguém”.

Mudar o mundo é uma tarefa grande demais e não cabe só a mim. Tento compreender aquilo que me cabe e vou buscando me capacitar para fazê-lo. No início, era muito imaturo em relação ao que sou hoje. No futuro, espero que ainda pense assim a respeito do presente.

Os textos deste livro foram desenvolvidos ao longo dos anos de 2021 a 2025, nas ações voluntárias do Tio Flávio Cultural e do Conselho da Comunidade da Comarca de Igarapé, chamadas pelo sistema prisional de “práticas socioeducativas não escolares”. São diversos projetos que têm a intenção de, pela educação, conversar com cada ser humano que se encontra privado de liberdade. Sobre o crime cometido, ele só relata se for do seu interesse; nós estamos preocupados

com algo bem mais amplo. Como o Dr. Mário Ottoboni, criador da metodologia APAC, dizia: “Todo homem é maior que o seu erro”. Isso não apaga o passado, mas, pelo passado, eu não posso fazer muita coisa. O que me interessa agora é que, ao ter a possibilidade de desenvolver algo que use a educação para ressignificar vidas e redefinir trajetórias, ali minha própria vida encontrará o seu propósito como educador.

No livro, acatei a sugestão de preservar os nomes dos autores para transmitir a ideia de uma obra única, escrita por pessoas anônimas — assim como eles dizem que se sentem ali. Em cada texto, há a participação de muitas pessoas, inclusive de custodiados que escreveram para aqueles que não são alfabetizados, traduzindo suas ideias e palavras para o papel.

Busquei preservar o estilo de cada um e a essência tanto dos textos que me foram entregues quanto das conversas que surgiram após os trabalhos e que, mais tarde, foram incorporadas ao original. Em alguns casos, histórias de diferentes pessoas se entrelaçam, sendo costuradas umas às outras, sempre respeitando suas individualidades, mas unindo-as em dores, desesperos, desilusões, esperanças, vontades e buscas, todas arrematadas pelos fios que conduzem a vida de cada um.

Que essas histórias possam te fazer enxergar não apenas uma pessoa presa no sistema, mas a você mesmo diante de tudo que ainda pode fazer da sua existência.

Boa leitura!

PREFÁCIO

No fim, a lousa verde era um espelho.

Sempre olhei para as lousas verdes das salas de aula com muito medo. Quando o quadro estava cheio de matérias para copiar, verbos para conjugar, tabuadas, problemas e equações para resolver, eu me sentia amedrontado. Quantas vezes eu ouvia: “Posso apagar esse lado?” e sequer havia copiado as primeiras linhas, mas soltava um *migué*: “Espera aí, professora, já estou terminando”.

No quadro branco, escrito com caneta *Pilot*, ou na lousa verde, escrita com giz, existia nas entrelinhas um espelho que refletia minha imagem de incompetente. Lá longe, um fracassado. Olhava para o quadro da sala de aula, passava a vista nos livros didáticos e, no fim, só conseguia olhar para tudo aquilo e reconhecer o reflexo da incapacidade. Me sentia incapaz de tirar boas notas nos trabalhos, nas tarefas, nos testes e nas provas. A escola, que me servia de acolhida para comer no recreio, me assombrava na hora das aulas. Eu, que tinha inúmeras habilidades na vida, quando chegava na escola, me tornava um objeto imóvel, estático.

Com muito esforço das minhas professoras, fui mudando de comportamento. Não abandonei a turma do fundão, mas decidi estudar com mais intensidade e, para além de tudo isso, passei a me reconhecer como um sujeito capaz de aprender e tirar boas notas. A lousa verde ainda era

espelho. Só que agora, eu enxergava o meu reflexo de outra forma.

O tempo passou, caí na prisão. Agora, eu, que nunca havia sido reprovado no colégio público, fui reprovado na escola da vida. A prisão substituiu a faculdade. Os policiais eram os novos inspetores. E, para piorar, ainda tinha uma escola lá dentro. Junto com essas imagens, a lembrança do menino que fui no centro educacional. E, como estou falando de espelho, passei a ver minha experiência educacional por outro formato de espelho, o retrovisor.

Diante de um presente tristonho, sombrio, que ofusca qualquer vislumbre de futuro digno, estava eu, ali, na prisão. O reflexo diante da minha face era de pessimismo, no sentido de: “Como é que eu vou sair daqui?”. Ciente de que a vida é difícil, e após a prisão, as coisas pioram, eu não conseguia enxergar mais nada, a vista estava embaçada, e os olhos lacrimejando. Lágrimas de culpa, medo, desesperança e raiva. Alguma voz ecoava em meus ouvidos: “Se estivesse estudando, não passaria por isso!”. Ali, já não importava mais, com ou sem estudos, a cadeia se apresentava como uma outra instituição de aprendizado: a pedagogia da dor: “Se não aprendeu em casa, a vida vai te ensinar.”; “Quem não escuta cuidado, escuta coitado”.

Eu, que não dei certo na escola, apesar de ter um documento de aprovação, tinha a certeza de que não daria certo na cadeia. “ACABOU!” era a sentença condenatória que me ajuizou, antes mesmo da sentença criminal. Na cadeia, antes de qualquer rito criminal, eu já estava condenado. Então, olhei para o retrovisor e vi muitos fracassos, muitos erros, muitos medos, muita culpa e oportunidades desperdiçadas. E, quando dei por mim, também vi muita

força. Se eu era dono de todo aquele fracasso e ainda estava vivo, certamente eu também era dono de uma força e esperança que me mantinham vivo até ali, e assim fiz. Olhei e vi que era capaz.

Como só olhar não bastava, me encontrei com muitos professores e professoras na prisão. Pessoas que jamais imaginei encontrar. Me chamando pelo nome, nome este que meus pais me deram. Professores que queriam me ouvir, enquanto o mundo mandava eu calar a boca. Professoras e professores que sentiam minha ausência na sala de aula, enquanto a sociedade me queria na prisão justamente para eu desaparecer do mapa.

Na escola da prisão, conheci uma outra escola, uma outra vida, uma outra pessoa, fruto das experiências e dos afetos que me envolveram durante o cumprimento da pena. Hostilidade eu já tinha de sobra, precisava de algo sutil para estourar a bolha. E a escola na prisão me ajudou com isso. Quando dei por mim, estava na faculdade. Não, não era a cadeia, faculdade do crime. Era uma universidade pública, um ambiente inimaginável. Tornei-me aluno universitário a partir da prisão.

Na faculdade, vejo mais uma lousa verde e um quadro branco. Ainda são espelhos. A imagem que reflete é de esperanças. E, se fosse retrovisor, eu olharia para trás e pediria calma: “Aquieta-te e estude! Mais à frente haverá bons resultados. Você é capaz!”.

Agradeço demais aos profissionais de educação que atuam dentro e fora das prisões. As escolas não devem nunca ser um ambiente que reflita reprovação e correção. Já temos as cadeias para isso. Que as orientações escolares, dentro e fora dos muros, nos impulsionem para voar, mesmo sem

asas. Não é sobre ser incapaz, mas sobre ter condições de reinventar com o que se tem. Mesmo que seja dentro da prisão.

Bom voo a todos. Eu consegui voar e hoje pouso aqui para transmitir um pouco de carinho e esperanças. Em 2007, fui preso, concluí meu ensino na prisão, prestei vestibular, ingressei na faculdade. Lá conheci minha namorada, que hoje é minha esposa. Juntos, nos formamos. Durante a pena, saí para estudar, casei, me formei na faculdade e construí uma família. Minha pena terminou, a minha vida segue. Entre medos, fracassos e retomadas, aqui estou. No espelho, apesar de um passado triste, tenho orgulho do quanto consegui voar até aqui. Pousei, dividi um pouco da jornada e, confiante, volto a voar. Para onde irei, não sei. Mas estou seguro em alçar outros voos. Vamos juntos?

Samuel Lourenço Filho

Ex-presidiário, editor da Editora Marroca Conteúdo Prisional, Gestor Público pela UFRJ, autor de 4 livros: “Além das Grades”; “Gangrena: Sistema Prisional em Poemas”; “Ressocializado na Cidade do Caos” e “Penitência: A Prisão e os Evangélicos”.

Contato: **@marrocaconteudoprisional**

PREFÁCIO

Tem um rapaz que, por onde ele vai, sempre que tem a oportunidade, pergunta:

– Vocês conhecem o Tio Flávio? Se não conhecem, precisam conhecer. O Tio Flávio é uma pessoa que tem o poder de unir várias outras pessoas de classes, crenças, ideologias, gerações e gêneros diferentes, tudo em prol do amor ao próximo.

Foi num encontro casual que ambos se conheceram pessoalmente, e a partir daí, os dois passaram a conversar e pensar em ações. E como eles acreditam que nada nessa vida é por acaso, nascia ali uma grande parceria entre o Professor e o ex-recluso.

Um ex-recluso que, depois de ter dado muito murro em ponta de faca, passando por várias temporadas "marchando" nos 1º e 2º Distritos Policiais de Belo Horizonte, no Departamento de Investigação (o antigo D.I.), na temida Furtos e Roubos, na sinistra Tóxicos, na Dutra Ladeira; percebeu, já na penitenciária, que a saída poderia estar na leitura e na educação. Então, intensificou a leitura, a escrita e os estudos por todas as cadeias em que passou, e foram muitas, viu? Dentre elas, Martinho Drumond, Nelson Hungria (a famosa Máxima) e José Maria Alkimim (mais conhecida como PAN), até ganhar a liberdade.

Mas, antes de ganhar o mundão, na cadeia ele foi apelidado de poeta, por ajudar outros reclusos a ler e a responder às cartas dos seus familiares. Principalmente aqueles que tinham dificuldades de leitura e escrita. Além disso, ele leu muito sobre as leis brasileiras e começou a escrever ofícios de próprio punho para a vara de execuções criminais, solicitando benefícios para si, garantidos por lei, de acordo com o tempo de reclusão; conseguindo, por exemplo, os benefícios de unificação e remição de penas por tempo de estudo e trabalho. Isso deu tão certo, que passou a fazer o mesmo para outros internos.

Vale ressaltar que, no meio dessa trajetória, ele teve um encontro real com Jesus e se converteu ao cristianismo. E como ele mesmo gosta de frisar: "o cristianismo genuíno". Aquele que, ao invés de julgar, prefere ajudar.

E hoje, longe dos problemas que o levaram a passar grande parte da sua vida "tirando cadeia", transitando pelo sistema prisional, vira e mexe ele volta às cadeias. Mas agora ele entra pela porta da frente, pois se tornou voluntário no Tio Flávio Cultural e participa de algumas das inúmeras atividades nos socioeducativos e nos presídios. Que, diga-se de passagem, estão sendo transformados, graças aos trabalhos voluntários que estão sendo feitos nesses locais.

De detento a Líder Social e Ativista Climático. Presidente da Associação de Moradores do Morro do Papagaio por dois mandatos consecutivos. Cofundador do "FA.VELA", a primeira organização sem fins lucrativos a atuar com o empreendedorismo social com moradores e moradoras de Vilas e Favelas. Cofundador do "Voa, Papagaio!", um cursinho popular que auxilia estudantes de periferias que desejam fazer as provas do ENCCEJA e ENEM para alcançarem a tão

sonhada faculdade. Embaixador da ONG norte-americana “Freedom Through Knowledge – FTK” (Liberdade Através do Conhecimento). Fundador do projeto Socioambiental “Eu Amo Minha Quebrada” e graduando em Ciências Socioambientais na UFMG, acesso alcançado graças ao cursinho que ajudou a criar.

E ele não parou por aí. Continuou a ler, escrever e estudar. Criou o projeto “A Rua do Livro”, um evento itinerante que acontece a céu aberto, que promove e incentiva a leitura nas *quebradas*. Criou a própria biblioteca na sede do “Eu Amo Minha Quebrada” e aproveitou para homenagear uma das Assistentes Sociais mais importantes na rede de Assistência e Saúde de Belo Horizonte, que fez um trabalho excelente e marcante no acolhimento das pessoas em maior situação de vulnerabilidade, em especial, as pessoas em situação de rua, sua amiga e colega de trabalho, Danielle Vassalo (em memória).

Ah! E ele também já esteve com o presidente do Brasil, o governador de Minas Gerais, com dois prefeitos de Belo Horizonte e muitas outras autoridades e pessoas publicamente importantes. O que o faz lembrar de uma das primeiras promessas que Deus lhe fez quando ainda estava dentro de uma cela fria; e que se encontra lá no livro “1 Samuel 2.8”, onde diz: "Deus tira o homem do entulho e o faz assentar ao lado dos poderosos".

Esse rapaz acima descrito sou eu, Júlio Fessô, nascido e criado no Morro do Papagaio, uma favela quase centenária, localizada na região centro-sul de Belo Horizonte. Alguém que aprendeu a fazer o bem sem olhar a quem, quando tudo na minha vida ia mal. E que encontrou na educação e na fé a saída da prisão, quando ainda estava preso. Estou falando

aqui da prisão espiritual; a qual nos prende nos erros do passado e nos impede de mudar. E foi quando me livrei dela de fato, que consegui me livrar também da prisão física, que foi uma questão de tempo. Aproveitando o ensejo, deixo aqui para reflexão três pensamentos que me norteiam no dia a dia e que vou levar por toda a minha vida:

‘A real felicidade não está nos BENS que a gente tem, e sim no BEM que a gente faz’.

‘Poder, pra mim, é poder ser útil. E ter riquezas é ter amigos de verdade’.

‘A minha religião é o Amor, e a minha doutrina é amar o próximo’.

Finalizo minha participação, agradecendo ao amigo e parceiro Tio Flávio pelas ricas oportunidades de poder servir e ser útil a alguém de alguma forma. E eu tenho certeza de que este livro vai emocionar, impactar e inspirar muita gente.

Júlio Fessô

SUMÁRIO

Meu começo - das salas de aula ao voluntariado nos presídios	22
Um convite pra pensar.....	33
Antes do agora, muitas histórias!	35
A verdade que eu não quis ouvir!	46
Cartas para a criança que um dia eu fui	50
Te dou um parágrafo, me dê uma história!.....	69
O que ficou por falar	83
Direto ao ponto, mas longe do fim!	86
Até no sono, seja vigilante!	90
Quando o silêncio encontra voz!	94
A Menina dos Mil Tsurus.....	99

MEU COMEÇO - DAS SALAS DE AULA AO VOLUNTARIADO NOS PRESÍDIOS

Concluí o curso de Comunicação Social em 1998 e, em agosto de 1999, iniciei minha jornada como professor universitário. Nunca havia sonhado com isso, mas, ao observar meus professores entrando e saindo das salas com livros nas mãos, passei a desejar aquela vida. Já dava aulas havia três anos em duas escolas públicas e uma particular em Santa Luzia, na Grande BH, para os ensinamentos fundamental e médio. Aos 24 anos, eu estava diante de um novo desafio.

O primeiro dia como professor universitário foi tenso. Fui indicado para as turmas do sétimo período de Publicidade e Propaganda, compostas por alunos experientes, com prática de mercado, cansados da faculdade e ansiosos para concluir a agência experimental, o trabalho de conclusão de curso que os levaria à formatura.

Entrei na sala, mas os alunos não. Eles foram chegando aos poucos, com olhares de dúvida, curiosidade e desdém. Afinal, quem era aquele que ninguém nunca tinha visto ou ouvido falar? É comum que os alunos pesquisem sobre os professores que terão no semestre seguinte. De mim, não sabiam nada.

Na tentativa de quebrar o gelo, apresentei-me como Flávio Tófani, o novo professor de Marketing - ou, mais precisamente, de Mercadologia II. Uma aluna sentada na

primeira fileira, com ar desafiador e postura firme, perguntou meu nome novamente. Repeti. Ela riu de forma jocosa e disse que meu nome não era bom para um professor de Marketing. Surpreso, mas sem me entregar, desafiei: “Vocês são da Publicidade, então criem um nome melhor para mim.”

Foi quando ela, de bracinhos cruzados e pernas esticadas, declarou que a turma me chamaria de “Tio Flávio”. Eu era gordinho e já careca. Mal resolvido com meu corpo, achei que o apelido fosse por causa disso. Além disso, naquela época, uma propaganda de refrigerante mostrava um homem mais velho cantando uma jovem no elevador, e ela respondia: “Ô, tio. Aperta o 21.” Parecia uma associação inevitável, e ninguém queria ser chamado de “tio”.

Olhei para aquela aluna e pensei: “Um semestre passa rápido, e conserto isso com a próxima turma, quando já tiver mais experiência.” Engano meu. O apelido persistiu, mas ganhou uma nova roupagem. Os alunos passaram a me respeitar com base no relacionamento que construímos, e as turmas daquele ano me incluíram em suas formaturas como patrono ou paraninfo. Os veteranos avisavam os calouros: “Vocês vão ter aula com o Tio Flávio. Respeitem o cara, viu?”

Assim, nascia uma marca e a compreensão de que o maior patrimônio de um professor é a confiança e o respeito mútuo entre ele e seus alunos. Por coincidência, ou não, criei o primeiro curso de pós-graduação em Gestão de Marcas em Minas Gerais, que mais tarde passou a se chamar Branding, termo que começava a se popularizar. Branding não se resume ao desenho (design) gráfico de uma marca. Vai além: é a gestão da marca, incluindo seus valores, posicionamento e relações. É entender a percepção que as pessoas têm sobre

empresas, serviços, produtos e até cidades. E o “Tio Flávio” foi meu despertar como marca, vinculada ao campo da educação.

Em 2003, comecei a lecionar, em outra faculdade, uma disciplina diferente, mas que dialogava bem com o Marketing: Comunicação Comunitária. A Comunicação Comunitária é voltada para o compartilhamento de informações e a promoção de debates dentro de uma comunidade, com o objetivo de fortalecer a cidadania. Desenvolvida por e para os membros da comunidade, ela se apresenta como uma alternativa aos meios de comunicação de massa. O foco é entender como a comunicação se dá no contexto local, valorizando a história e os atores sociais que a compõem, criando um espaço para a troca de ideias e o fortalecimento dos laços comunitários.

Pensando na formação da cidadania, levei os alunos a conhecer realidades diferentes das suas, mas igualmente presentes e próximas de todos nós, nessa teia chamada realidade social. Visitamos lares de idosos, casas de apoio a crianças em tratamento de câncer, instituições que acolhem pessoas com paralisia cerebral, abrigos infantis, entre outros. Os alunos conheceriam a realidade dessas instituições e criariam planejamentos de comunicação para melhorar sua imagem e relacionamento com os públicos de interesse, inclusive sua interação e pertencimento à comunidade.

Pouco antes de iniciar essa disciplina, algo marcante aconteceu: fui abordado por uma senhora que me pediu para dar uma palestra às mulheres que trabalhavam com ela. Paralelamente à docência, eu já experimentava a carreira de palestrante. Fiquei animado com a proposta, mas ela me disse que não poderiam me pagar e perguntou se eu fazia a palestra voluntariamente. “Palestra voluntária para uma empresa?”

pensei. Perguntei em qual organização ela trabalhava. Ela hesitou, e eu insisti, até que ela finalmente me disse que era prostituta e que a palestra seria em um dos hotéis da área de prostituição de Belo Horizonte.

Disse a ela que não me sentia à vontade para falar de Marketing para as mulheres que ali trabalhavam, mas aquela senhora, com pouco mais de 50 anos, me disse que não queria meu lado técnico, mas o humano. As mulheres usavam algodão para estancar o sangue da menstruação nos primeiros dias de cada mês, um método primitivo e prejudicial. Ela queria que alguém as lembrasse de que, antes de serem prostitutas, eram mulheres.

Aceitei o desafio. O bate-papo aconteceria antes das 8h, horário em que os hotéis abriam para mais um dia de trabalho. Subi os degraus de um daqueles hotéis conhecidos como “sobe e desce”, pedindo a Deus para iluminar minha fala. Não sou religioso, mas acredito em Deus e, da minha maneira, tenho minha fé.

Chegando lá, elas me aguardavam. Algumas passavam café enquanto torravam pão na frigideira e conversavam: “Essa semana tenho que trabalhar muito, meu filho está doente e preciso mandar dinheiro para ele no interior.” Outra respondeu: “Minha mãe é idosa e está em São Paulo. Preciso mandar dinheiro pra minha velhinha.”

Foi meu momento de epifania. Até então, meu universo era composto por alunos universitários e professores com mestrados, doutorados e pós-doutorados. Eu achava que o mundo era feito de graduandos e graduados. Até que uma porta se abriu. Parecia um portal para um mundo que sempre estivera ali, mas que eu nunca ousara tentar conhecer. Lembra daquele guarda-roupa presente em Nárnica, conto de

C. S. Lewis? Os jovens passavam por ele sempre e nunca entravam. No dia em que foi preciso ultrapassar aquela porta, um novo mundo se descortinou. Como dizíamos no passado: a ficha caiu. Percebi que não falaria para prostitutas, mas para pessoas. Eram mães e filhas que iriam me ouvir.

Continuei lecionando na graduação até migrar para as turmas de pós-graduação, onde ministrei disciplinas como “Branding” e “Comunicação Interna para Relacionamentos Estratégicos”, que também são cursos pioneiros que criei com o amigo e professor Carlos Calic, na PUC-MG. Também ministrava a disciplina “Endomarketing”, que abordava a cultura e o comportamento das organizações e sua interação com os clientes internos: funcionários, prestadores de serviços, estagiários e voluntários.

Em 2014, criei uma atividade com o objetivo de promover informações e conhecimentos, de forma gratuita, ao público geral, com foco em universitários e profissionais. Buscava desenvolver uma nova cultura, mostrando que, em Minas Gerais, temos muitas pessoas com boas ideias e práticas, mas que, por vezes, somos tímidos em nos impor no mercado, chegando a acreditar que quem está fora faz melhor do que nós.

Assim, nasceu uma iniciativa composta por uma série de eventos que promoviam palestras voluntárias ministradas por profissionais de grande relevância em suas áreas. Esses encontros estimulavam discussões e conseguiam reunir setores que, apesar de trabalharem de forma distinta, produziam coisas incríveis, cada um em seus próprios guetos: pessoas de design, marketing, moda, cinema, esportes, comunicação, teatro, dança, gastronomia e muito mais. Se em seus “cantos” cada um já fazia coisas admiráveis, imagine se

essas pessoas se unissem. Dessa forma, surgia o “Tio Flávio Cultural”. Usei o nome 'Tio Flávio' para facilitar o acesso às faculdades onde eu lecionava, já que não tinha recursos para alugar salas. Já o termo 'Cultural' refletia a ideia de promover uma mudança de cultura e de perspectivas.

Tempos depois, essa iniciativa passou a ser um movimento organizado, mas sem constituição jurídica, como ocorre até hoje. Não recebemos nenhum tipo de verba ou incentivo financeiro e nos mantemos sem vinculação religiosa e nem partidária. Fomos levados a outras áreas, como o atendimento a organizações sociais que precisavam de ajuda voluntária, seja para uma palestra voltada para os seus funcionários ou ações destinadas aos seus assistidos.

Crescemos tanto que, antes da pandemia, tínhamos 1.000 voluntários em 80 grupos de atuação em ILPIs, creches, escolas públicas, escolas de jovens aprendizes, casas de crianças com câncer, alas hospitalares de diálise, casas de pessoas com paralisia cerebral e albergues para pessoas em situação de rua.

Entendemos que a educação não se dá só na sala de aula, não se faz só em um prédio, não é abrir matrícula, mas é ir onde as pessoas mais necessitam; é construir pontes, vínculos; é estimular a convivência para dirimir a solidão; é fazer-se presente, para ouvir, sentir, servir. É o aprender conjuntamente.

Um dia, uma pedagoga amiga minha, Ana Roberta, me abordou e pediu mais uma palestra voluntária, só que, dessa vez, ela queria que eu fosse conversar com homens em privação de liberdade, num presídio da Grande BH. Confesso que fiquei bem cismado, pois todas as matérias sobre presídios que eu assisti na televisão mostravam muita

gritaria, revolta, olhares raivosos e abandono. Acabei negando aquele pedido por medo do desconhecido.

Ela me disse que lá era um presídio diferente, que não tinha guardas nem armas e, com os olhos brilhando, completou: “Lá são os presos que ficam com as chaves das celas nas mãos.” Assustado, agora mais ainda, disse que aí é que eu não ia mesmo. Diante da insistência dela, resolvi ir, pela nossa amizade, assim eu a satisfazia e encerraria essa história.

Marcada a data, um carro do SENAC me buscou, e fomos para a unidade prisional na cidade mineira de Santa Luzia que, coincidência ou não, é o município onde minha mãe mora e eu morei por muito tempo.

Convidei um ator amigo meu, Marcelo Ricco, para ir com a gente. Minha ideia era que ele pudesse fazer algumas intervenções lúdicas para divertir e conquistar a plateia antes da minha fala. A tensão da nossa parte era palpável. Chegamos, e os funcionários nos receberam muito bem, com gratidão sem disfarces. Ofereceram café e pão de queijo — uma versão mineira de Joãozinho e Maria, pensava eu — e pediram a um único “funcionário” que nos conduzisse para o regime fechado, onde 120 homens, chamados de recuperandos, nos aguardavam. Grades abriam e fechavam nos corredores até chegarmos a um pátio vazio.

O homem que nos conduzia nos deixou ali e fechou o cadeado. Lá dentro, outro homem nos recebeu, identificando-se como presidente do CSS. Ao caminhar até o auditório, descobri que a sigla significava Conselho de Sinceridade e Solidariedade, composto por custodiados, dentre os quais aquele homem. Nunca estive tão perto de um preso como naquele momento. Mesmo sabendo que eu ia conversar com

pessoas, a experiência inusitada me fazia sentir medo e maldizer a minha colega, que também compunha o grupo, por ter me convidado para tal atividade.

Ao entrar no auditório, eles se levantaram e aplaudiram. Fiz a palestra e agradei. Despedi-me sem saber se os havia alcançado ou conseguido deixar algo importante para a sua reflexão. Lá dentro, diante de tantos homens presos, que não tinham acesso à rua, em uma unidade que falava em confiança e dignidade, um recuperando levantou-se enquanto todos os outros permaneciam sentados. Ele falou em nome de todos, dizendo que tinham uma maneira de agradecer àqueles que iam ali conversar com quem ninguém queria conversar. Essa maneira era uma espécie de homenagem e, para recebê-la, pediu que fechássemos os olhos. “Fechar os olhos?”, pensei. Num presídio sem guardas ou armas, onde só estávamos nós e os presos, fechei um olho, deixando o outro semiaberto.

Os custodiados, ao ouvirem o chamado daquele homem - “Senhores, de pé”, levantaram-se, estenderam as mãos em nossa direção e cantaram: “Irmão, você também é uma bênção para mim.” Estávamos às vésperas do Natal de 2013, em uma unidade humanizada que visa a reinserção de pessoas privadas de liberdade, chamada APAC, uma metodologia com mais de 50 anos e índices baixíssimos de reincidência criminal.

Um lugar onde todos trabalham e estudam e onde os recuperandos mais antigos têm a guarda das chaves das celas. Descobri, depois, que até o “funcionário” que nos acompanhou até a entrada do pátio era um preso.

Minha vida se transformou ainda mais. Aquelas dúvidas existenciais que muitos de nós temos em algum

momento da vida estavam ali, evidenciadas, me instigando: “Deus existe? Qual é o sentido da vida? O que viemos fazer neste mundo? O que é felicidade?”

A ideia de que “Sou educador e, onde a educação for necessária, estarei lá” se fortaleceu. Ampliei minha atuação em outras unidades prisionais: socioeducativas, para adolescentes em conflito com a lei; em outras APACs; e no sistema comum, inicialmente com mulheres privadas de liberdade. Isso ocorreu graças à insistência de um recuperando da APAC, Wellington Borges, que me falava do sofrimento das mulheres no cárcere, e ao convite da amiga Denise Eler e de uma diretora de unidade mista, Ana Alzira.

Durante a pandemia, diante de uma onda de suicídios em uma unidade LGBTQIA+ recém-criada em São Joaquim de Bicas, o Departamento Penitenciário da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública nos convidou para uma reunião. Queriam saber como poderíamos ajudar a reduzir os suicídios e melhorar a saúde emocional de custodiados e servidores. Sem saber ao certo o que fazer, pedi para passar pelas alas, me apresentando e conhecendo a unidade e as pessoas. Como professor e palestrante, tenho na fala meu instrumento de trabalho. Parei diante de cada cela e falei, falei, falei. Em uma cela, com três pessoas trans, expliquei o que fazia ali. Elas estavam ansiosas para falar, mas eu não dava espaço, sem perceber que era preciso ouvir mais do que falar. Quando perceberam que eu não pararia, começaram a contar suas histórias simultaneamente. Eu entendi a mensagem: nem sempre temos que falar. Quase nunca teremos respostas para questões tão subjetivas, mas era preciso parar, olhar e ouvir.

Uma das custodiadas daquela cela pediu que eu levasse um caderno e uma caneta para que pudesse escrever suas angústias, já que, devido à pandemia, as aulas e visitas estavam suspensas. Uma semana depois, entreguei cadernos a todos da unidade, pedindo que escrevessem suas histórias de vida, falando da infância, família, escola, comunidades e sonhos. Estipulei o prazo de dois meses para isso.

Alguns dias depois, aquela custodiada devolveu o caderno completamente preenchido: 60 folhas, frente e verso, pedindo outro para continuar sua história. Assim, nasceu o projeto “Diários da Liberdade”.

Utilizamos a escuta, o teatro, o artesanato, a redação, a música, o desenho, os campeonatos esportivos, as rodas de conversa, as gincanas cognitivas, as conversas com psicólogos e outras possibilidades, orquestradas em um plano de educação em ambiente hostil, para melhorar a saúde física, mental, emocional e social dos custodiados daquela unidade. Tudo isso feito por profissionais voluntários.

Os custodiados levavam tudo tão a sério que a ansiedade, agora, era para saber qual seria a próxima tarefa:

“Qual será a atividade deste mês?” – perguntou um custodiado, um mês após o início das intervenções.

“O tema deste mês vocês vão gostar” – respondi.

Eu coordenava voluntariamente as práticas socioeducativas não escolares naqueles quatro pavilhões. As histórias de vida que antecedem o crime podem nos ensinar muito sobre quem está ali, privado de liberdade, mas também sobre nossa sociedade.

“Qual é? Já conta!” – insistiam alguns, com as mãos estendidas pelas grades.

“O tema é: Carta para a criança que um dia eu fui” – anunciei.

“Noossa, esse é pesado...” – responderam alguns.

Numa visita realizada por servidores da Ouvidoria do Ministério da Justiça, que vieram de Brasília para entender a sequência de autoexterminio naquela unidade, uma trans contou suas angústias e disse que, se não fosse aquele “caderninho do Tio Flávio”, teria se matado.

O “caderninho do Tio Flávio” simboliza a atuação de voluntários naquela unidade, mas não se limita a isso. Pode ser estendido ao trabalho persistente em diversas áreas sociais, realizado por Organizações da Sociedade Civil, professores, assistentes sociais, conselheiros tutelares, profissionais da saúde, entre outros, que lidam com a dor do outro diariamente. Tolstói disse: “Se você sente dor, você está vivo. Se você sente a dor dos outros, você é um ser humano.”

Hoje, esses e outros projetos do Tio Flávio Cultural estão presentes em diversos presídios mineiros, utilizando o tempo “ocioso” daqueles que foram condenados à prisão, mas que um dia sairão dali. Aquele tempo poderia ser gasto com o que quer que seja, mas o voluntariado e a educação têm sido as melhores companhias que podemos oferecer. E quando me perguntam por que trabalho também com presos, respondo de duas maneiras. Miep Gies, que abrigou a família de Anne Frank durante a perseguição nazista, disse que fez o que tinha que ser feito. Eu, como educador, digo: “Um médico não nega socorro a quem precisa. Eu sou professor, e, onde a educação for necessária, estarei lá”.

UM CONVITE PRA PENSAR

Eu - Esta história foi você quem criou ou ela existe, você conhecia e só adaptou aqui?

Custodiado – já li em algum lugar, não lembro nem onde e nem quando.

Eu – Posso usar na abertura de um livro?

Custodiado – Pode... Mas e se for de algum livro, nós vamos presos?

(Rimos – ele da piada e eu de nervoso.)

Texto sem título e de autor desconhecido (até então).

(Introdução ao projeto Conceição Evaristo)

“Superficial - Relativo ou que pertence à superfície; Pouco profundo. Que só se preocupa com superfuidades, que não aprofunda os assuntos; Que não vai além das aparências; Leviano. Maneira popular de observar as coisas, situações, pessoas e que geralmente gera preconceito, que por sua vez gera equívoco, que é o pai da injustiça.

Quando se enxerga alguém superficialmente, cometemos o erro de julgar a casca, antes de sabermos o que tem por dentro dela.

Tem uma história que é a seguinte: ‘Alguém já perguntou a uma árvore, em meio ao fogo, por que ela não sai de lá?

Provavelmente, não!

Aliás, árvores não andam nem tampouco falam; mas, hipoteticamente, se alguém fizesse essa pergunta e, ainda mais hipoteticamente, se essa árvore pudesse responder, ela diria, com certeza, que não sai de lá por não ter opção. Porém, se tivesse ajuda para desprender suas raízes do chão, talvez conseguisse evitar arder no fogo.’

Não condene ou nem mesmo julgue alguém se você não faz nada para ajudar a mudança acontecer.

O superficial enxerga só a madeira queimada; O profundo contempla uma obra de valor inestimável: a resistência solitária da árvore ao fogo”.

ANTES DO AGORA, MUITAS HISTÓRIAS!

“De Tambaba à prisão”

Sou Amanda Karoline, cidadã potiguar, cristã e atualmente presa no regime semiaberto com uso de tornozeleira eletrônica.

Muito cedo conheci o homem que acreditei ser o pai dos meus filhos. Aos meus 15 anos, o casamento e a imaginação de uma história feliz. Com 18 anos, a partir de uma visita à praia de Tambaba, fui obrigada pelo meu ex-marido a frequentar casas de swing e participar de orgias. Sofri calada por quase uma década, constrangida pelas ameaças do meu ex-companheiro e pela vergonha de revelar aos meus amigos e familiares.

Até que resolvi dar um basta no meu sofrimento.

Durante 5 anos e três meses que passei no sistema prisional do RN, conheci várias mulheres, algumas com trajetórias de vida parecidas com a minha. Outras que nunca tiveram um lar e acesso à educação. Sempre que tenho a oportunidade, apelo para que existam mais políticas públicas eficazes que promovam inclusão social e que deem o direito a tantas pessoas de recomeçarem. Que tenhamos educação para todas as nossas crianças e jovens, com olhar humanizado e que ouça e ajude a construir novos horizontes.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.” Chico Xavier

Amanda Karoline da Silva Cunha é autora do livro: De Tambaba à prisão: Uma trama real de violência e abusos no paraíso do nudismo brasileiro, Unilivreira Editora, 2021.

“Somos o espelho quebrado das vidas normais lá de fora, como era a minha.”

Episódio 6 da minissérie *Cela 211*, da Netflix.

(Projetos: Diários da Liberdade e Carolina Maria de Jesus – um caderno nas mãos, organizando as ideias na mente para escrever a sua história)

PAVILHÃO 3, CELA 15

Minha história começou aos treze anos, quando minha mãe me abandonou por causa de um amor que ela dizia sentir por um homem cujo nome era Fernando. Eu já trabalhava com minha mãe em um pequeno negócio na cidade de Araguari. Certo dia, minha mãe estava fazendo o jantar, que era frango com quiabo, e esse homem, louco de drogas, disse que eu não poderia comer, porque eu não ajudava em nada. Somos três filhos: eu, Felipe e Michelle, mas somente eu morava com a minha mãe.

O bairro onde morávamos era totalmente novo, chamava-se “Residencial Sicrano”. Logo conheci as pessoas que se envolviam com o tráfico de drogas, mas não dava muita atenção, pois eu tinha receio deles. Eles já me chamavam de galego.

No comércio, eu era um dos melhores funcionários. Como era menor, ganhava apenas 50 reais. Eu era garçom e atendia meus clientes com muita educação, e isso aumentava minha renda em torno de 200 reais por causa das gorjetas. Sem que o tal homem que morava com a minha mãe soubesse, eu já ajudava no que podia.

Em um certo dia, minha mãe fez o jantar e Fernando começou a gritar e dizer que eu não iria comer na minha própria casa. Então, chamei minha mãe no quarto e, chorando, perguntei: “Ô, mãe, com quem a senhora prefere

ficar? Com o homem que me maltrata ou com o filho que sofre com a senhora?”. Logo ela se calou, e eu, com minha sabedoria de um pré-adolescente, entendi no olhar da minha mãe que era com “ele” que ela queria ficar. Eu já estava cansado de tanto apanhar e de chorar por não ter minha mãe do meu lado. Logo mais tarde, juntei algumas roupas, coloquei dentro de uma mochila e saí sem rumo.

Resolvi procurar o dono da boca e explicar minha situação ao traficante que, sem pensar duas vezes, me deu a oportunidade de ser um vapor. Ele disse: “Pode ficar tranquilo, que aqui você vai ganhar muito dinheiro e não dá nada pra você, ou seja, você não corre o risco de ir preso”.

Então comecei a vender maconha. Passados quatro meses, chegou um traficante procurando um vapor; logo fui para outra boca, mas era totalmente diferente, pois lá só vendia crack. Como eu sempre tratava os usuários bem, todo mundo só queria comprar comigo. Eu virava várias noites e madrugadas a serviço do tráfico. Eu era um dos mais respeitados e considerados ali no tráfico e só tinha 13 anos. Quando completei 14 anos, já tinha conquistado casa, carro, moto e muitas mulheres. Aquilo era tudo que um garoto da minha idade queria. Logo depois, conheci umas meninas que fumavam maconha e entrei na onda delas.

Um belo dia, a polícia chegou com tudo na boca e eu fugi. Então decidi parar. Parar que nada, comecei a vender cocaína para as garotas de programa em uma conhecida avenida. Ali eu conheci as mulheres trans que se prostituíam e me envolvi com uma delas. Traficava nas madrugadas e fiquei conhecido por todas ali.

Para o meu azar, acabei usando e fiquei viciado em crack. Eu já estava com a trans, mas ela descobriu o que eu

usava e acabou me abandonando. Então, com 15 anos, vim para Belo Horizonte. Dominado pela abstinência, fui para as ruas de BH, me envolvendo com todo o tipo de drogas e pessoas. Aos 18 anos, conheci o sistema prisional, preso por furtos e assaltos, que eram a única maneira de manter o meu vício. Fiquei como olheiro do tráfico por 8 anos, debaixo de sol, chuva e frio. Cheguei a ficar 15 dias totalmente acordado, dominado pela droga, até chegar ao início de uma overdose. Pesava quarenta quilos, eu era um morto-vivo. Não aguentava mais apanhar da polícia, que me pegava constantemente.

Saí de olheiro e comecei a furtrar novamente. Fui preso de novo e fiquei por um tempo no CERESP Gameleira. Hoje estou aqui, sofrendo, pensando naquela criança que eu fui e que deveria ter cuidado mais dela. Errei muito e muito novo. Quero sair daqui e voltar a viver a vida inocente daquela criança. Só que esta inocência não existe mais. Vou ter que reaprender a amar alguém, a confiar em alguém. Mais do que isso, vou precisar aprender a gostar de mim. Estou nesse caminho.

PAVILHÃO 2, CELA 9

Era uma vez um garoto cheio de sonhos. Primeiro, sonhava em servir ao exército e se tornar um fuzileiro naval, pois, até hoje, admiro os fuzileiros navais. Mas também sempre admirei os médicos e os professores. Quando eu era criança e falava sobre o exército, ninguém me incentivava. Então passei a desejar ser médico, mas sempre riam de mim e diziam que não existia médico negro. Quando falava em ser professor, diziam que eu não daria conta, porque era preciso ser inteligente, algo que, segundo eles, eu não era. Isso foi pelo final da década de 80 e início da década de 90.

Lembro que, ao ser matriculado na 2ª série, precisei mudar de escola. A nova escola era maior e mais próxima de casa. Um dia, participamos de uma passeata com o tema: "Terra, planeta água". Quando voltamos, a professora reuniu todos na sala para que falássemos sobre o que fazíamos para melhorar o mundo. A maioria dizia que não jogava lixo no chão (o que era mentira), que cuidava das árvores ou cultivava hortas. Eu disse que sonhava em ser fuzileiro, médico ou professor, e todos riram de mim.

Logo depois, fomos à cantina, onde serviram um arroz doce maravilhoso preparado pelas cantineiras. Eu tentava fazer amizade, mas sempre me isolavam, me chamando de "neguim". Essa palavra, tão pequena, carregava um peso enorme na época. Sentei na grama, perto da quadra, onde havia menos gente, para comer minha merenda. Foi aí que apareceu um menino maior do que eu, acompanhado por outros garotos. Ele tomou meu prato de arroz doce, jogou longe e disse que, a partir daquele dia, os próximos lanches eu deveria levar para ele. E assim fiz por quase uma semana.

Sempre que entregava o lanche, ele me dava um chute, um tapa no rosto ou na cabeça.

Até que, um dia, serviram macarrão com carne moída. Eu estava faminto. Peguei meu prato e corri para o fundo da quadra para comer. Quando estava concentrado, matando a fome, ele apareceu de novo. Sem pensar, joguei o prato de macarrão nele e saí correndo. Corri pela escola inteira até ele cansar. No meio disso, vi professoras, professores e funcionários rindo da situação. Sem saber o que fazer, fui até a diretora reclamar. Ela me ouviu e disse que, se eu começasse a dar trabalho, chamaria minha mãe. Me senti encurralado. Quando tentei sair da escola naquele dia, ele estava me esperando para me bater. Precisei esperar bastante e depois correr muito para chegar em casa.

No dia seguinte, cheguei à escola só depois que todos já haviam entrado. No recreio, quando ele veio, eu disse: "Se você for homem, vamos brigar no fim da aula, só nós dois." Ele topou. Lembro que, naquele momento, eu não sentia mais medo, só raiva, muita raiva. Assim, fomos para a briga, e, por incrível que pareça, eu bati nele.

Depois disso, comecei a fazer amizade com outros alunos. Percebi que se usasse a força, e ganhasse a briga, teria amigos. Naquela época o racismo era muito forte, e sempre aparecia um novo rival. Por isso, formei um grupo de amigos, e só andávamos juntos. Ninguém mexia com a gente. Foi assim que comecei a andar mais livremente pela escola. Ia ver os grupos de dança de rua, jogava futebol, ia ao pagode e comecei a treinar karatê de graça. Também frequentava a pracinha para conversar com as pessoas. Foi lá que conheci o cigarro, depois a maconha e, mais tarde, o crack.

No início, parecia bom. Não posso dizer que não. Mas, como diz o ditado: "O barato sai caro." Saiu muito caro. Ganhei "fama", "amigos" e até namoradas. Em 1996, comecei a fumar crack. Lembro disso como se fosse hoje. Por causa da droga, aprendi a roubar bonés, bicicletas e até a fazer assaltos. Nesse período, comecei a namorar uma garota linda. Ela me pediu para escolher entre ela e a droga. Escolhi ela, é lógico, e até consegui segurar a onda por alguns dias, mas voltei a fumar. Quando ela descobriu, me deixou. Isso nos afastou ainda mais, especialmente porque eu tocava em um grupo de pagode.

Em 1998, fui preso por assalto e homicídio. O assalto eu era mesmo responsável. O homicídio, não. Fui condenado a uma pena longa e fiquei na cadeia até 2012. Quando consegui o semiaberto, passei onze meses em paz, trabalhando e fazendo cursos. Certa vez, fui a uma cidade do interior, na casa de uma mulher. Quando saí para comprar carne, vi uns caras fumando. Perguntei onde podia comprar também, e eles me indicaram um bar. Justamente naquele momento, a polícia apareceu. Alguns correram, mas eu fiquei. Como já tinha passagens, fui acusado de tráfico de drogas e outros artigos.

E agora estou aqui, "pagando" 19 anos de cadeia.

Meu sonho? Ainda não esqueci. Quero estudar. Terminar o ensino fundamental e o médio, fazer o ENEM e cursar uma faculdade de Gestão Ambiental ou Biologia. Não nasci mau. Acredito que ainda vou conseguir.

“SEQUELADO”

Jonathan era uma criança como tantas outras. Adorava brincar de rouba-bandeira, jogar bola na rua e soltar pipa. Tinha uma infância que toda criança merece ter. Estudava, porque o pai era bem rígido com isso, e tinha boas notas. Era querido pelas professoras, que elogiavam sempre as suas redações e a organização do seu caderno.

A sua mãe era sempre presente, ajudava nas lições de casa e cozinhava para os filhos e o marido, fazendo as melhores comidas. Porém, tudo mudou quando Jonathan tinha 11 anos. Ele viu o pai morrer na porta de um supermercado. Seu pai era chefe do tráfico de um morro de uma cidade da Grande BH. Jonathan era o mais velho dos filhos, com duas irmãs menores. A mãe assumiu os negócios do pai, mas, aos 15 anos de Jonathan, ela foi presa e morreu dentro da unidade prisional. Dizem que foi suicídio, mas ele nunca acreditou nesta versão.

Sem os pais, Jonathan assumiu o tráfico, a "herança" que recebeu. Ele se tornou um adolescente bruto, ignorante e cheio de ódio. Se alguém mexesse com ele, partia pra briga sem nem ameaçar. Um dia, um menino de 17 anos deu um *derrame* no dinheiro da droga que vendia pra ele. Não era a primeira vez que o rapaz não pagava o que era devido, e Jonathan não perdoou. Tirou a vida do garoto da maneira mais brutal que se possa imaginar.

Com quase 19 anos, Jonathan foi preso. Chegou no sistema prisional achando que ia mandar, mas logo descobriu que não era bem assim. Procurou briga com todo mundo, foi espancado na cela e acabou na enfermaria. Cheio de ódio, planejou vingança, mas estava em uma ala diferente e não conseguia chegar até os que o atacaram. Até que, numa

vistoria de rotina dentro da cela, acharam um celular com ele. Ele sempre falava que não era seu, mas foi parar na solitária, um lugar que parece o "umbral". Dormia no chão, não tinha energia nas celas e no corredor e, por isso, não tinha iluminação. Pela posição daquele lugar, não entrava luz solar e a ventilação era mínima. Sem água, com o vaso sanitário entupido e ratos por todos os lados, a situação não podia ser pior. Mas, era: a comida chegava azeda, porque a solitária era o último lugar a receber as marmitas; não abriam a água, nem para beber e nem para descartar as necessidades. Há dias sem banho, ele se refrescava do calor com uma tampinha da marmita de isopor, que abanava desesperadamente.

Na pressão daquele inferno, que deixa qualquer um desorientado, Jonathan explodiu. Brigou com outro preso que falou mal da sua mãe e acabou tirando a vida dele. Foi transferido para uma penitenciária no norte de Minas, onde o desespero só aumentou. Lá, ele encontrou o assassino do seu pai, um homem influente entre os presos, que começou a perseguir-lo.

Uma noite, Jonathan sonhou com a mãe. Ela estava coberta de sangue, segurando suas duas irmãs, que também sangravam, com os olhos fixos no chão. Aos pés dela, uma criança cheia de tiros e facadas. Era ele. Rostos de pessoas que ele havia enfrentado ou matado apareciam ao redor, rindo e gargalhando. Jonathan acordou em pânico. Tentou tirar a própria vida, mas não conseguiu. Foi levado para uma ala psiquiátrica, onde entrou em surto. Depois de muito tempo, foi transferido para uma penitenciária perto de Belo Horizonte.

Jonathan não é de conversar. Os outros presos dizem que ele 'sequelou'. Fica sempre no fundo da cela e interage

pouco. Levou a atividade do caderno a sério e usou as 60 folhas do brochurão, com uma grafia e clareza de texto que justificam os elogios das professoras que conheceram aquela criança.

A VERDADE QUE EU NÃO QUIS OUVIR!

(Projeto Antonieta de Barros - Atividades que estimulam a reflexão sobre o papel e a importância da escola)

CARTA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS ESCOLAS

Olá, meu amigo,

Quando esta carta chegar às suas mãos, que ela possa te encontrar bem e em paz, com Deus.

Olha, meu amigo, não sou ninguém para querer dar um bom conselho para você, mas quero falar com você sobre como a escola é boa e como vai ser melhor para você caso complete os estudos, porque faz falta no futuro.

Às vezes, a professora chama a atenção para o seu próprio bem, porque errar é humano, mas permanecer no erro é burrice. A professora está tentando te ajudar, ela quer te preparar para o mundo de uma forma que o aprendizado vai poder trazer o melhor para você. O estudo pode trazer uma vida melhor para você, para os seus familiares e até mesmo vai poder te ajudar a colocar comida na mesa da sua família.

Pensa só: qualquer trabalho hoje exige que você tenha o ensino médio. Imagina se você se formar e correr atrás! Você vai poder ter um trabalho melhor, até mesmo ser um

exemplo para todos que acham que não vale a pena estudar. E mesmo que não seja um exemplo, você vai ter algo que conquistou com o seu esforço e não iludindo ou tirando de ninguém.

Eu te falo isso porque sinto muita falta dos estudos, por ter abandonado a escola, por não ter estudado. Achei que sozinho eu ia ser alguém, mas acabei jogando todos os meus sonhos para o alto e fui parar em um lugar difícil de explicar. Um lugar onde o amor e o carinho não existem. Onde a sua mãe deixa tudo e vem te ver, mas os amigos te abandonam e não querem mais saber de você. Infelizmente, quando perdi minha mãe, eu havia saído de casa, pois achava que o crime era a minha família. Ela morreu, e eu, seu único filho, não estava por perto.

Mas se você estudar e correr atrás, não vai precisar passar por isso. Ah, se eu tivesse alguém para me alertar sobre como a vida ia ser se eu saísse de casa, se eu largasse a escola... Quer dizer, eu tinha, mas não ouvi minha rainha.

Hoje, eu queria ter a oportunidade de estudar aqui onde estou, mas é difícil. Aqui não tem escola. Não recebo visita de ninguém. Minha mãe morreu, e minhas tias não têm condições de me ajudar. Escrever é uma forma de fugir do inferno que eu vivo aqui dentro. Se eu tivesse outra chance, eu ia abraçar. Então, aproveita essa oportunidade enquanto você pode.

Pensa melhor no que você quer para a sua vida, porque longe da escola você não vai conseguir um bom emprego. Não que esse seja o seu destino, porque só Deus pode dizer, mas abraça as oportunidades que você está tendo. As ruas não podem te oferecer um futuro certo e não garantem a sua liberdade e o seu caráter.

As suas escolhas vão te mostrar dois caminhos: ser um trabalhador, que com esforço conquista as coisas, ou ser um preguiçoso, que escolheu o caminho mais fácil, mas que no final vai te destruir. Esse segundo caminho te ilude primeiro, faz você sentir que pode tudo, que é respeitado, que todos têm medo de você. Depois, ele te joga no fundo do poço, te mói, te tritura vivo.

Eu sou um pobre favelado, sem estudo, sem família – não porque me abandonaram, só meu pai, que largou minha mãe quando eu ainda era criança. Hoje estou condenado por erros que você pode evitar. Eu poderia ter evitado.

Ter amizade com gente que só quer saber de se alimentar daquilo que você paga, que se droga com o seu dinheiro e que te abandona quando você perde tudo é a mesma coisa de estar sozinho. É se casar com a ilusão de que você é alguma coisa.

Eu sou um nada. Não tenho mais nada do que já tive. O que eu fazia no passado me deu moto, roupa, tênis, aparelhos eletrônicos, celular novinho, lanche nos lugares caros. Hoje, a comida que eu como chega azeda a cada três dias. A água que eu bebo vem de uma caixa que ninguém limpa. Eu durmo debaixo de uma cama de alvenaria, num buraco que a gente chama de "tumba". Tomo banho num bojo de banheiro, porque nem no cano, que a gente chama de ducha, tem água.

Fora que fiz mal a tanta gente... Isso não sai da minha mente. Quando estava no mundo da ilusão, eu nem sentia. Hoje, me persegue.

Espero que essas poucas palavras possam ter um bom resultado para o seu futuro, antes de você tomar qualquer atitude ou decisão errada.

Ah, meu amigo, eu quase esqueci de te falar... Onde estou, a saudade e o medo falam mais alto. Eu erreí, e hoje estou pagando pelos meus erros. Achei que estava tomando a melhor decisão para a minha vida. Abandonei tudo e foi a pior coisa que eu fiz. Perdi amigos de verdade, perdi família, perdi tudo por causa da minha própria ignorância.

Se eu tivesse escutado pelo menos as minhas professoras, eu não estaria nesse lugar frio, tomando banho gelado e esperando mais uma oportunidade para sair daqui e fazer diferente do que eu fiz. Já não posso abraçar minha mãe. Meu pai, eu nem conheci, porque ele não quis. Mas eu tenho uma vida pela frente e ainda vou conseguir ser feliz de verdade. Na real, não na ilusão.

Com fé em Deus e com bons conselhos, a gente consegue ir longe!

OBSERVAÇÃO: o autor deste texto sonhava com a liberdade, mas a morte chegou antes, dentro de uma cela, numa cadeia.

CARTAS PARA A CRIANÇA QUE UM DIA EU FUI

(Projeto Auxiliadora Pinto Viana – Promover o autoconhecimento por meio de reflexões sobre os ciclos da nossa vida.)

Se hoje você pudesse conversar com a criança que um dia você foi, lá no passado, o que diria?

PAVILHÃO I, CELA 25.

Olá, Pedro, tudo bom?

Eu sou você daqui a 19 anos, no futuro. Bem, você deverá ter 13 anos quando esta carta chegar em você. Pedro, no momento, sei que você está meio confuso, revoltado com tudo. Eu sei porque sou você, e eu passei por isso. Você fica pensando por que algumas pessoas têm muito e outras tão pouco. Este tipo de pensamento vai te levar para um caminho em que você sofrerá muito. Vão aparecer caminhos mais fáceis para seus objetivos e sonhos, mas estes caminhos não serão bons, e você vai fazer sua mãe sofrer muito.

Tá vendo aqueles caras mais velhos ali na praça? Bom, serão seus amigos daqui a poucos dias. Eles te oferecerão drogas pra usar e vender. Não faça isso. Vá para casa enquanto é tempo, porque mais da metade deles vai morrer por causa de coisas erradas.

Você gosta de esportes. Daqui a um ano, você vai parar de estudar achando que, para ter mais tempo pra praticar,

deve parar de estudar. Não faça isso, porque vai dar tudo errado. Acredite, eu vivi tudo isso. Mude sua história enquanto há tempo. Não pare de estudar, pratique seus esportes e tudo aquilo que aqueles caras mais velhos te oferecerem, não aceite! Porque, se você aceitar, daqui a 5 anos você será preso e perderá muito tempo da sua vida na prisão. Acredite, é verdade, porque eu estou te escrevendo de dentro de uma prisão.

Agora, Pedro, que você sabe a verdade, comece a mudar isso. Mude sua história, seja feliz, vá pra casa e dê um abraço em nossa mãe por nós. Diga a ela que você a ama muito. Ela já está preocupada com você, pressentindo que você esteja querendo fazer coisas erradas. Confesse a ela que você pensou nisso mesmo, mas que já se arrependeu.

Está vendo sua avó ali sentada? Passe mais tempo em casa, porque nossa avó só tem mais 9 anos de vida.

Eu sei que ler tudo isso é bem pesado, mas faz parte da vida. No futuro, você entenderá. Fique bem e siga estes conselhos para que as coisas deem certo e você seja feliz. Fique com Deus e siga sempre o caminho honesto. Mude sua história. A hora é esta. Até o futuro.

PAVILHÃO I, CELA 23.

Querido André!

Tudo bem? Espero que sim e que esta carta te encontre com paz e saúde...

Menino, não tenho como voltar ao passado para consertar as coisas ou aliviar sua dor, mas posso ajudar a acalmar seus pensamentos para que você não viva tantos anos com amargura e com tantas ideias que te perturbam há tanto tempo. Também não posso apagar ou esquecer o passado, mas, hoje, posso aprender com ele para não cometer os mesmos erros no futuro. Espero que o universo conspira a seu favor.

Assim, as interseções entre o mundo espiritual e material, junto ao tempo e espaço, possam levá-lo a ter um rumo diferente na vida, para melhor, é claro.

André, sei o que está passando e as dores que carrega no peito. Por isso, escrevo a você para pedir um pouco de paciência e fé, pois as coisas, numa melhor hora, entram nos eixos.

Meu pequeno grande amigo, tenha humildade e respeito por todas as pessoas e animais, com discernimento e sabedoria para ser o bom entendedor dos sinais do mundo. Lembre-se de que você não é melhor que ninguém, nem menos nobre do que quem tem dinheiro. Com respeito e humildade, você chega onde quiser, menino!

Se eu tivesse o poder de te dizer tudo isso e mais um pouco, pessoalmente, acredito que tanto você quanto eu poderíamos ter sido mais felizes. Também acredito que tudo o que aconteceu em nossas vidas tem um motivo maior.

Um último conselho: não deixe ninguém dizer que você não pode ou não consegue fazer isso ou aquilo. Siga a voz do seu coração e preste atenção nos conselhos de quem te ama.

Menino André, que sempre quis e sempre vai querer ser Amélia, mesmo se sentindo rejeitada, abandonada, excluída e julgada por alguns preconceituosos da sociedade. Levanta a cabeça e lute.

Lembre-se de que o primeiro a pedir perdão é o mais inteligente. O primeiro a perdoar é o mais sábio, e o primeiro a esquecer é o mais feliz.

Assinado: Anna Maria Amélia Dias de Araújo

(O menino André, mencionado no texto, hoje é Amélia. Ela tem um emprego no qual trabalha com pessoas em situação de vulnerabilidade social e está em liberdade.)

PAVILHÃO 3, CELA 29

Querido Miguel,

Eu sou você. Estou em um tempo diferente do seu. Sou o seu futuro, falando do seu passado, vivendo o presente.

Ah, que saudades! Que lembranças boas foram criadas agora, para mim. Sinto tanto remorso por não ter libertado você de tantas complexidades. Te fiz perder tanto tempo ansioso com o futuro, horas que poderiam ter sido vividas brincando, em vez de imaginando como seria a vida de adulto. Me culpo por não ter lutado por seus direitos, por ter me calado diante dos desafios. Foram tempos difíceis. Você sabe

que o excesso de trabalho e as exigências nos fizeram perder a qualidade da infância.

Desde cedo, fomos obrigados a trabalhar. Saíamos de casa cedo para ajudar no sustento da nossa família, que não tinha boas condições financeiras. Isso nos afastou da escola, um lugar sagrado que ninguém deveria deixar de frequentar ou, um dia, desrespeitar. Mas, já que foi assim que aconteceu, e você precisava ajudar sua mãe, que era doente, e seu pai, quero te dizer o seguinte: nunca deixe o cansaço apagar a nossa vontade de vencer. Lute contra o desânimo para que você possa chegar ao futuro que tanto sonha.

Neste presente, tudo é diferente. Estou aqui e vou te deixar uma carta direto do presente, com a certeza de que, no futuro, essa criança que existe dentro de nós voltará ao passado e encontrará forças para continuar sonhando com um presente e um futuro melhores.

Tome cuidado: as pessoas vão tentar te fazer sentir culpado pelos problemas que elas criaram, para transformar você em vítima da crueldade delas.

Não vá naquela casa que fica ao lado do clube da cidade onde você mora, no interior de Minas. Lá vive um homem que fará um grande mal a você. Você carregará uma dor profunda, provocada por um trauma que dificilmente será curado. Se você não contar a alguém o que está acontecendo, sentirá vergonha e frustração durante toda a sua jornada. Não terá coragem para lidar com outros problemas que virão e não saberá conversar ou explicá-los quando precisar de ajuda.

Aprenda a usar sua voz, mesmo quando parecer que ninguém se importa. Se fizer como te digo, você se protegerá e também protegerá o seu futuro. Conte a alguém o que esse

homem está te fazendo. Não sinta medo; você não é o culpado. Tire da sua mente a ideia de que você o provocou. Nós éramos apenas uma criança, e ele se aproveitou da sua inocência para alimentar aqueles desejos doentios que só pertenciam a ele. Faça isso e se livre dessa culpa de uma vez por todas.

Converse com as pessoas sobre o que te faz bem, mas, principalmente, deixe claro quando algo te incomodar. Saiba lidar com situações difíceis e não se cale quando se sentir intimidado. Se você se demonstrar fraco, vão usar isso contra você.

Escolha bem quem você quer que esteja no seu círculo de amizade. Descubra que há pessoas que só estarão com você por pouco tempo, enquanto você tiver algo que elas precisem. Vão se aproveitar da sua simplicidade e da sua boa vontade. Vão tentar agradar para tirar de você o que tem de melhor. Vão tentar apagar o seu brilho, minando a sua vontade de vencer. Quero que você foque sua energia em edificar a sua vida e não se reprima. Nunca perca o seu senso de valor.

A sua vida não é nada fácil. Se você entrar naquela casa, ela será muito mais difícil. Ainda assim, se cometer o mesmo erro que eu, não deixe que o ódio tome conta do seu ser. Ele vai te destruir, assim como a culpa. Se você entrar naquela casa, aquele homem vai te ameaçar, e você, por medo ou vergonha, vai voltar. Até o dia em que fará algo que nos colocará aqui, onde estamos hoje.

Amigos são poucos, mas existem. Confie neles. Seus pais podem até não entender, mas há gente boa na sua cidade que vai acreditar na sua palavra e te ajudar. Procure-as. Você não está totalmente sozinho. De início é difícil perceber isso, mas há muita gente boa ao seu redor.

Espero que esta carta chegue a tempo e que tudo seja diferente.

PAVILHÃO 4, CELA 4I

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a oportunidade de estar participando desta redação. Eu nasci em 1999. Minha infância foi atribulada porque, aos 5 anos de idade, acabei sendo abandonado pela minha mãe e morando com os vizinhos. Minha mãe era viciada em álcool, se casou com meu padrasto e foi morar com ele. Meus irmãos foram morar com a minha avó, mas eu fiquei.

Com o passar do tempo, acabei conhecendo as drogas. Aos 7 anos, usei pela primeira vez e acabei me viciando. Para me manter, comecei a vender. Desde então, entrei para o tráfico. Quando Deus deu para minha mãe sua primeira filha, minha irmãzinha, o Conselho Tutelar veio e a levou por causa do vício da minha mãe. Três anos depois, quando eu fiz 10 anos, minha mãe engravidou novamente e teve mais uma menina, mas o Conselho Tutelar também a tirou dela. Minha avó, por parte de mãe, acabou adotando minhas duas irmãs. Eu, envolvido na vida louca, tive a ideia de tentar fazer um acordo com a minha mãe: eu pararia de usar e vender drogas, e ela pararia de beber.

Conversei com ela, e ela aceitou o acordo, conseguindo realmente parar de beber. Hoje, minha mãe já recuperou minhas duas irmãs e vive com elas em casa. Eu não consegui manter minha promessa. Aos 12 anos, voltei a usar e vender drogas. Aos 14 anos, comecei a vender meu corpo nas

avenidas da cidade onde morava para sustentar o meu vício. Agora, me encontro privado da minha liberdade.

O que eu diria para aquela criança é que ela tinha a vida toda pela frente para estudar e viver melhor do que eu vivo hoje. Eu teria dito para ela não usar nenhuma droga, não se envolver com o tráfico e, acima de tudo, não vender o próprio corpo. Eu estava lá, mas não tinha ninguém para me dizer isso. Hoje, preciso ser forte para não recair. Espero, de coração, que nenhuma criança caia nessa ilusão.

PAVILHÃO 6, CELA 7

Olá, Tiago,

É triste lembrar que, com apenas 10 anos de idade, você pegou um caderno escolar escondido na mercearia perto da sua casa, simplesmente porque seus pais não tinham condições de lhe dar um. Seus colegas de classe tinham cadernos bonitos, e você não. Então, você foi lá e pegou um, pensando em evitar as brincadeiras e humilhações dos meninos da escola. Foi um erro. Eu entendo a sua necessidade, mas isso não torna o que você fez certo.

Mesmo morando em uma casa de madeira, na beira de um córrego, você teve o suficiente para aprender a ser honesto e vencer na vida. Sua mãe era exemplo disso. E, convenhamos, vencer não é só conquistar coisas, não é mesmo?

Um ano depois, você pediu uma bicicleta de Natal aos seus pais, mas eles não tinham condições, já que eram uma família pobre e sem renda fixa. Então, você pegou a bicicleta de um amigo para dar uma volta... e não devolveu. Quando

seus pais descobriram, te corrigiram severamente. E foi aí que você tomou a decisão de fugir de casa. Essa fuga foi o início da sua vida como menino de rua, sujo, descalço, com fome. Tudo isso acabou te levando para a "FEBEM".

Quando saiu da internação, você já havia tomado o caminho errado, cometendo pequenos furtos. Pequenos para você, mas significativos para quem perdeu, pelas suas mãos, o que havia conquistado.

Sua mãe se separou do seu pai porque ele a agredia fisicamente. E, após a separação, você se tornou o alvo da ira dele. Isso te empurrou definitivamente para as ruas. Drogado, roubando, pedindo esmolas, dormindo em calçadas, vivendo como mendigo, numa situação degradante. Você não teve adolescência. Estava sempre chapado, intoxicado pela ira e pelas drogas, que não conseguiu ver o tempo passar. Foi nesse período que você realmente se tornou um criminoso.

Tiago, se fosse eu no seu lugar, teria ficado naquele orfanato. Sim, aquele primeiro para onde você foi encaminhado. Não teria desrespeitado as pessoas que tentavam ajudar e fugido como um animal arisco. Quem sabe você não teria sido adotado por uma boa família? Mas não, você escolheu fugir, e isso te jogou de cabeça no "mundo". E o mundo, Tiago, é a pior escola que alguém pode frequentar. É a famosa lei da selva.

Foi nesse mundo que você conheceu o crack, a maconha, a cocaína, o álcool... tudo o que o mundo oferece para endurecer o coração e destruir a alma. Ali você se tornou uma pessoa fria.

Ainda assim, algo bom aconteceu. Deus te deu uma família de verdade: duas meninas e um menino. É triste saber

que a pequena Larinha nasceu morta. Foi por esta família que você tentou seguir em frente, trabalhando honestamente. Infelizmente, a carga de vida passada era grande e o vício continuava te prendendo. Sua mulher e seus filhos não desistiram de você, assim como Deus também não desistiu.

Mas, depois de algum tempo, você teve mais uma recaída. Você voltou ao crime dois anos após ter conseguido um emprego como vendedor. Você não pensava na sua família. Tinha um filho novo, que foi batizado em sua homenagem, mas você estava mais é querendo se entupir de droga e descontar nos outros algo que era só seu e ninguém ia resolver para você, a não ser você mesmo.

O mais triste é saber que, devido a sucessivas recaídas, você se afastou de vez da sua família, deixou seus filhos para trás e acabou preso novamente. Dentro da prisão, você recebeu a mais dolorosa notícia da pior forma possível: a morte do seu menino mais novo. A notícia não veio da sua companheira, mas sim por carta, enviada por terceiros.

Hoje, com mais de 40 anos, ainda preso, existe um propósito vivo em você: recomeçar. Saindo daqui, você quer trabalhar, provar para si mesmo e para os outros que a mudança é possível. Quer se manter longe das drogas, que roubaram tanto da sua vida, e recuperar os momentos que perdeu ao lado da sua única filhinha que sobreviveu. Quer seguir em frente, acreditando que a vitória é possível.

PAVILHÃO 9, CELA 10

Olá, jovem criança,

Sei que sua vida foi escrita com uma história de medo, raiva, curiosidade, dor e, ainda assim, esperança. Não foi fácil superar os traumas e as marcas deixadas ao longo do caminho. É doloroso lembrar que a primeira cicatriz, tanto física quanto emocional, foi causada pela mulher que você deveria obedecer e amar: sua mãe. Ela, que te trouxe ao mundo, foi também quem tentou acabar com sua vida quando você não tinha nem 5 anos de idade.

Ela te batia, te machucava e muitas vezes nem sequer te alimentava. Tudo isso porque o homem que ela amava a rejeitou, talvez por ela ser uma “nóia”, viciada. Ele disse que o filho não era dele. Sua mãe descontou toda a raiva e o ódio nessa pequena criança, chegando a quase tirar sua vida.

Foi sua tia, irmã do seu pai, que te socorreu. Ela apareceu como uma luz no meio de tanto desespero, e você achou que, finalmente, tudo ia melhorar. Mas não foi tão simples. Sua mãe, depois de ter alta de um hospital (psiquiátrico), foi atrás da sua tia para tentar te pegar de volta. E ela não fazia isso por amor, mas sim por vingança. Como ela ia permitir que você fosse feliz com a família da irmã do homem que a abandonou? Não, ela não ia aceitar a felicidade de ninguém.

Ela conseguiu te levar de volta, mas tempos depois, uma denúncia fez com que sua tia fosse até a casa da sua mãe novamente. Você lembra desse dia. Lembra de estar debaixo da mesa, tremendo de fome, tentando se esconder. Sua tia brigou com sua mãe, que não cuidava de você e te mantinha

em condições terríveis. Quando você foi resgatado, estava doente, fraco e cheio de lombrigas.

Depois de lutar muito, sua tia conseguiu a autorização para cuidar de você. Ela te tratou como um filho, mesmo já tendo outros para criar e enfrentando dificuldades. Seu pai não ajudava em nada, apesar de um teste de DNA ter confirmado que ele era, sim, seu pai. Ele simplesmente não se importava. Era como se você carregasse o peso do ódio dos dois: sua mãe te odiava porque via em você a figura do homem que a abandonou, e seu pai te odiava porque via em você a mulher que ele desprezava.

Sua tia fazia o possível para suprir suas necessidades, mesmo quando o dinheiro era escasso. Seus primos, que se tornaram seus irmãos de criação, te tratavam com carinho e te corrigiam com palavras, não com agressões. Já seu tio, ele era mais duro. Ele te batia e fazia coisas que você não podia contar a ninguém, com medo de perder o pouco que tinha conseguido depois de sair da casa da sua mãe.

Você foi crescendo, aprendendo a engolir a dor e a esconder quem realmente era. Sempre preferiu bonecas a carrinhos, sonhava em encontrar um príncipe ao invés de uma princesa e sentia que amar, e não odiar, era o que deveria fazer – até mesmo em relação à mulher que te trouxe ao mundo.

Conforme o tempo passou, você foi se descobrindo. Mas era difícil. Em quem confiar para compartilhar tudo isso? O mundo te julgaria, e você, tão jovem, não queria mais dor. Sentia culpa.

Quando entrou no curso de Jovem Aprendiz, você conseguiu seu primeiro trabalho em um salão de beleza. Foi

ali que a vida começou a mudar. Com seu próprio dinheiro, você começou a se sustentar e, mais importante, a construir a pessoa que sempre sonhou em ser.

Você não pode esquecer o quanto lutou para ajudar a construir uma casa para sua mãe (tia), realizando o maior sonho dela. E depois começou a construir a sua própria casinha, com o que sobrava do pouco dinheiro que ganhava. Não sobrava quase nada, mas isso não importava.

Seu maior erro foi ter confiado na pessoa errada. Essa pessoa fez com que os outros acreditassem que você era criminosa, enquanto roubava de você tudo o que você tinha conseguido com tanto esforço: dinheiro, casa, dignidade, autoestima e liberdade.

Hoje, mesmo dentro desse lugar onde você se encontra, você sabe que é forte. Já não pensa mais em vingança, porque sabe que isso só te atrasaria ainda mais. Agora, seu foco é sair daqui e reconstruir a sua vida. Mais madura, mais segura, mais confiante. Você é uma excelente profissional, e o mundo ainda vai reconhecer isso. E o mais importante: você não precisa que nenhum homem ou qualquer outra pessoa te diga que é uma boa pessoa. Você já sabe disso. E saber disso já basta.

PAVILHÃO 3, CELA 19

Oi, Ewerton, boa tarde. Tudo bem?

O ano aí é 1994.

Sei o que você deve estar pensando agora: “Eu conheço este cara de algum lugar.” Pois é, não se espante, mas eu sou você no futuro. Hoje sou um cara acabado, de pele ressecada, banguelo. Assim será você em alguns anos, já que, no futuro

você poderá ser assim se não buscar um caminho diferente. Vou te contar o que aconteceu comigo.

Aos seus 12 para 13 anos, você vai fugir de casa e passará a morar nas ruas de BH. Isso será a pior escolha que você fará para a sua vida, atingindo sua família, amigos, parentes e seu futuro. Você viverá entre mendigos e ladrões, passará a ter que roubar para se alimentar, se vestir e obter as coisas. Passará uma grande parte de sua adolescência em abrigos e casas de custódia para menores infratores.

Ewerton, mas o pior ainda virá. Você aprenderá a fumar maconha com um suposto amigo de apelido “Fulano”. Este seu “amigo” te ajudará a conhecer as drogas, e juntos vocês formarão uma suposta família, da qual também farão parte a “Beltrana”, o “Sicrano”, o “Xis”, o “Ípsilon”, o “Zê”, a “Dábliu” e o “Cê-cedilha”.

De todos esses que te falo, o “Xis” morrerá de uma forma covarde, com um tiro na nuca. O “Cê-cedilha” será alvejado por diversos tiros de dois traficantes montados numa moto. O “Zê” viajará para o Rio de Janeiro e será morto por membros de uma facção. O “Ípsilon” também morrerá com vários tiros e ainda deixarão ele jogado até que alguém encontre o corpo. A “Beltrana”, que será apaixonada por você, mas que você a decepcionará por diversas vezes, morrerá de leucemia, e você se culpará até os dias de hoje por não ter ido visita-la pela última vez.

A “Dábliu”, sua ex-namorada, se casará e terá três filhos. Morrerá com um tiro na testa, inocente, por causa dos erros de uma “amiga”. No final, ficarão vivos você, o “Fulano” e o “Sicrano”, que, depois de um tempo, se tornará pastor de uma igreja e iniciará uma obra social bonita, numa comunidade bem carente.

Ewerton, você conhecerá o crack pelas mãos do “Ká” e, a partir desse dia, sua vida não terá mais volta. Você passará a ser mais um escravo do crack, um zumbi. Tudo em sua vida passará a ser para consumir e alimentar seu vício. Até que, em um de seus furtos, depois de você completar a maioridade, você tomará uma pena de 5 anos e 6 meses. Depois, será preso novamente por tráfico de drogas, com 795 reais e 50 pedras de crack, e terá uma nova pena, de 6 anos e 3 meses.

Depois de *pagar* sua pena, você decidirá mudar de vida e passará 2 anos e 8 meses sem se envolver com crime ou crack, até que chegará o Coronavírus (Covid-19), que te deixará desempregado por 8 meses. Desesperado, você segue o caminho que já conhece, voltando para a criminalidade e para as drogas. Conhecerá uma linda mulher, que largará tudo para morar com você, mas você será detido por furto de telefone e, agora, no momento em que te escrevo, você estará preso.

Ewerton, hoje eu voltei no tempo para te falar que, quando chegar o dia em que você achar que não tem outra opção na vida, não vá fugir de casa e ir para as ruas. Te peço que pense: a vida vai dar alguns caminhos, faça as escolhas certas para que você tenha um futuro diferente do que eu estou tendo agora. É preciso se cuidar, pois muita gente aparece oferecendo o mundo, mas o que sobra não é nada bom. Espero que você possa me ouvir.

PARA GUSTAVO:

Eu, Gustavo, aos 37 anos, gostaria de falar para o Gustavo de 13 anos, que foi quando tudo começou, as seguintes coisas:

Meu caro amigo, você é tão jovem, tão inteligente, cheio de saúde e de sonhos. Existe um Deus que nos ama e vê tudo. Ele está ao nosso lado em todas as horas, quer que sejamos luz e que façamos as coisas certas. Pega firme nos estudos, respeite seu pai, sua mãe e seus irmãos. Escolha bem suas companhias, procure ser o melhor aluno da sua sala, respeite os professores e saia de perto da turma da bagunça. Não escute seus “coleguinhas” quando te falarem para fazer coisas erradas. Tire sempre as melhores notas, ajude seus colegas que têm dificuldade. Preste atenção na escola, pois seus pais não têm condições de pagar uma faculdade para você. A gente já é pobre, e precisamos, no mínimo, nos formar em uma faculdade para você poder ter seu dinheirinho, suas coisas, sua casa, seu carro e construir uma família. Ou seja, você precisa ter condições financeiras para ter coisas boas.

Seus pais te amam, e você tem que dar orgulho para eles. A vida não é fácil. Curta as coisas boas, mas não fique na rua com pessoas más. A rua é muito perigosa, tem muitas pessoas que ensinam coisas erradas. Não use drogas, não entre para o crime. Há pessoas que vão te chamar para coisas erradas, mas isso vai te levar a três caminhos: cadeia, cadeira de rodas ou cemitério.

Eu segui outro caminho e posso te dizer que é muita tristeza, angústia e dor. Não vale a pena! Por isso, venho te dizer para fazer o bem sempre. Fui preso primeiro aos 15 anos

e a última aos 26. Fiquei muitos anos preso, quase morri com o tiro que tomei. Lá dentro, meu primeiro impacto foi tenso, pois tive que aprender a me adaptar com uma condição muito precária, e muita dor pois tinha perdido o que era mais importante, que é a “liberdade”. Meu medo era de morrer lá dentro e a maior saudade que eu tinha era da minha família.

Uma coisa eu te falo: alimente sua espiritualidade, coloque Deus na frente de tudo. Seja uma pessoa boa e agradável, ajude as pessoas, trabalhe, e com o tempo você vai se tornar uma pessoa melhor. No caminho, vão acontecer várias coisas, vão surgir vários obstáculos, mas lute, pois isso vai te tornar um homem de verdade. Nunca deixe que o dinheiro fácil te seduza.

Busque se casar com uma mulher que enxergue seu valor como pessoa e não aquilo que você tem a oferecer. Não se atraia por coisas que desfoquem sua atenção, como baladas, bebedeiras e drogas. Crie metas e vá atrás dos seus sonhos. Não queira nada "meia boca", pois você é filho do dono do ouro e da prata, e você merece viver o extraordinário.

Caso contrário, se escolher a vida ruim ou se envolver no que é errado, você sofrerá muito. Não só você, mas todos que vivem ao seu redor. E eu posso te falar com toda a certeza do mundo que não vale a pena!

Fico por aqui, meu pequeno e grande amigo, torcendo por você e pela sua vitória. Vai com fé, Deus, foco e determinação, que a vitória é certa.

Gustavo (Italiano)

(Gustavo é um empreendedor. Mesmo com tantos desafios, se mantém firme, em busca do melhor para a sua

família. Hoje ele está em liberdade condicional, já alcançando a liberdade definitiva.)

RAPPER SLK 22

De: Sidnei (Rapper SLK 22) Ano 2025

Para: Sidnei (Negão) Ano 2001

Iae, mano, como você tá? Espero que bem.

Tô escrevendo essa carta pra trocar uma ideia séria com você. *Pode pá* que você tá arriscado a passar por umas coisas cabulosas se não der atenção nas ideias, fechou, *parça*?

Olha só, continua estudando e sendo criança. Brinca bastante, sem se preocupar com nada! Não encana com o que as outras crianças têm, porque um dia você também vai ter. Vai chegar o momento que sua mãe (vó) vai te levar pra comprar um tênis pra você. Só que, se ela não conseguir te dar o que você quer, aceita o que ela te der e tenha paciência. Logo você mesmo vai poder comprar o que quer, entendeu?

Agora, presta atenção: se, por querer um tênis caro, você fizer algo errado, a vida vai desandar feio. Vai começar a vender droga, comprar vários tênis caros, cantar rap, virar o *muleque zika* da quebrada, mas aí, mano, vai vir o peso. Você vai começar a roubar carro e moto no 157, vai ganhar várias coisas, mas também vão vir os desacertos. Vai parar no SOS Criança, depois na FEBEM, na Fundação Casa... e, aos poucos, as pessoas vão se afastar de você.

Aí, com os traumas da infância, do orfanato, da perda do seu pai, você vai começar a tirar vidas. Vai se envolver com

a organização criminosa, abandonar a música e se dedicar ao crime de vez. E, mano, vai sofrer muito. Vai perder sua veinha enquanto tá na cadeia, vai ser condenado por tráfico, assalto a banco, vai ser baleado, e vai passar 17 anos no sistema prisional. Só depois de toda essa tristeza, sofrimento e tribulação você vai querer voltar atrás, ser alguém que nunca teria mexido com coisa errada.

Não vou dizer que é tarde demais, porque enquanto há vida, há esperança. Mas vou te falar: se eu tivesse alguém pra me dizer isso tudo, talvez minha caminhada tivesse sido outra. O rapper que eu sou hoje talvez já existisse lá atrás. Talvez, se eu tivesse aceitado o tênis que estava nas condições da minha mãe (vó), eu poderia ter cuidado dela, e talvez ela ainda estivesse aqui. Mas, infelizmente, eu tava na cadeia. Tive que passar pelo processo pra viver o propósito.

Sidnei Fernando – Rapper SLK 22

(Sidnei é o Rapper SLK 22, que leva sua experiência de vida para as pessoas através da música e, mesmo em monitoramento eletrônico, tem conseguido entrar em unidades socioeducativas para conversar e cantar com os adolescentes em conflito com a lei, como ele já foi um dia.)

TE DOU UM PARÁGRAFO, ME DÊ UMA HISTÓRIA!

(Projeto Conceição Evaristo – Um parágrafo inicial é apresentado para dar início a uma história, que será desenvolvida de forma ficcional com base em suas vivências)

PRÍNCIPE DO QUETO

“Uma criança e uma mulher caminhavam pelos becos de uma comunidade. Lá na frente, um rapaz sem camisa segurava uma escopeta pendurada no peito. Ele trabalhava para o tráfico e estava disposto a qualquer coisa. Atento, segurava sua arma com firmeza, mas, ao avistar a mulher e a criança, se agachou, abriu os braços e abraçou seu pequeno tesouro. Aquele homem, que era um soldado do tráfico, era o pai daquela criança.”

Esta história não é para romantizar e nem banalizar nada. É só mais uma história da vida real. Seu nome era Adriano, filho de Ana e Armando.

Sua infância não foi fácil. Nasceu e cresceu em meio à violência. A maior delas começou dentro de casa, ao ver seu pai bater em sua mãe. Armando era alcoólatra, enquanto Ana era evangélica. Ele saía para beber e só voltava para casa quando não tinha mais dinheiro. Bastava Ana perguntar onde ele estava para as agressões começarem. Seu ciúmes doentio o tornava possessivo e violento.

Armando tinha várias amantes na rua e desconfiava da esposa o tempo todo. Sempre que ela ia à igreja e ele estava

bêbado, ao voltar para casa, era acusada de traição e agredida brutalmente.

Ana era uma mulher dedicada ao lar e à família. Cresceu sob uma doutrina muito rígida. Seu pai sempre dizia que mulher de família se casava uma vez só e devia obedecer ao marido até a morte. No entanto, Ana nunca viu seu pai bater em sua mãe. Ele era autoritário, mas também dava carinho, amor e, ao menos, ouvia sua esposa.

Já Ana não tinha nada disso. Vivia sob uma ditadura doméstica, onde devia obediência absoluta. O marido apenas colocava comida na mesa e pagava as contas. Ele não deixava Ana trabalhar, ela não tinha estudo, era analfabeta. Não sabia nem assinar o próprio nome. Tinha mais dois filhos menores do que Adriano e sua vida se resumia à família e à igreja.

O único prazer que Ana tinha na vida era frequentar o templo. Até os filhos foram concebidos sem amor, apenas pelo abuso do marido. Ela os amava profundamente, mas não teve nenhum prazer no momento em que foram feitos. Armando a procurava apenas quando queria e da forma que queria, sem carinho, sem respeito, sem cuidado. Ana se sentia apenas uma empregada doméstica e um objeto de satisfação sexual. Fora isso, sentia que não servia para mais nada. Até mesmo ir à igreja era algo que o marido lhe privava.

Armando era agressivo e autoritário. Filho de um coronel reformado do exército, cresceu em um ambiente de violência doméstica e reproduzia com sua esposa o que via seu pai fazer com sua mãe. Ele também serviu ao exército, mas foi expulso após se apresentar bêbado no quartel várias vezes. Depois disso, passou a trabalhar como pedreiro e bebia cada vez mais. Com a morte de seu pai, se entregou de vez ao vício e descontava seu desgosto na esposa e nos filhos.

Via a família como um fardo e justificava suas traições dizendo que Ana não se cuidava, não se arrumava, não o satisfazia. Mas, na verdade, era ele mesmo quem destruía o lar. Na rua, fazia-se de vítima, um pobre coitado de uma mulher cruel. Dentro de casa, era o algoz da paz e do amor.

Adriano cresceu vendo tudo isso. Era muito dedicado aos estudos. Sonhava se formar, conseguir um bom emprego, ajudar a mãe e dar um bom exemplo aos irmãos. Ana, mesmo sem dinheiro, fazia o possível para garantir roupas novas para os filhos a cada seis meses. Mas Adriano não se lembra de uma vez sequer em que ela comprou algo para si. Sempre usava roupas que ganhava da irmã ou comprava em bazares da igreja.

Ele prometeu que mudaria aquela realidade. Assim que começasse a trabalhar, daria uma vida digna para a mãe.

Na escola, Adriano era um aluno exemplar, mas muito solitário. Quando um trabalho em grupo foi anunciado, ele percebeu que não tinha amigos. No final, sobrou com Tomás, o nerd da turma, e Bruno, o bagunceiro, filho de um temido traficante da região. Juntos, foram chamados de "o grupo dos rejeitados".

Para a surpresa de todos, Rebeca, a menina mais popular da escola, pediu para entrar no grupo. Ela sabia que precisava de boas notas e que Adriano e Tomás eram os mais estudiosos. Com isso, o grupo dos rejeitados se tornou o mais falado da escola.

Durante os estudos, Adriano e Rebeca se aproximaram. Ele, que a via como metida e esnobe, descobriu uma pessoa diferente. Ela, que nunca o havia notado, passou a admirá-lo

pela inteligência e generosidade. Aos poucos, um sentimento novo surgiu entre os dois.

No final do ano, Rebeca passou de ano com folga, assim como Bruno. O pai dela, grato pelo esforço de Adriano, o convidou para jantar e lhe fez uma proposta: ajudar Rebeca nos estudos em troca de uma cesta básica por mês.

Adriano teria feito de graça, mas sabia que a cesta ajudaria sua mãe. A sorte lhe sorriu duas vezes.

A amizade entre os quatro cresceu. Eram diferentes, mas aprenderam a respeitar e se inspirar um no outro. Com Bruno, aprenderam a se soltar mais. Com Tomás, se dedicaram mais aos estudos. Com Adriano, ganharam maturidade. Com Rebeca, aprenderam a ter mais confiança em si mesmos.

A amizade os fortaleceu. E as diferenças, que antes pareciam um obstáculo, agora os tornavam especiais juntos.

No ano seguinte, o namoro dos dois ficou explícito e teve a aprovação do pai de Rebeca. Eles ainda eram muito jovens, por isso o pai dela pediu que namorassem dentro de casa. Com o decorrer do tempo, ele foi notando o quanto Adriano era maduro e responsável, apesar da pouca idade. E percebeu também que sua filha estava mais responsável, então acabou dando mais liberdade para os dois.

No meio daquele ano, o pai de Adriano morreu após sair bêbado de um bar às margens de uma rodovia. Ao invadir a pista sem olhar, foi atropelado por uma carreta. A notícia foi um choque para toda a família. Apesar de tudo, ninguém deseja a morte de alguém, ainda mais de um pai. Como se não bastasse a perda do marido, Ana ainda tinha uma série de

problemas pela frente. O primeiro deles era conseguir dinheiro para enterrar Armando.

A partir dali, começaram a surgir problemas cada vez maiores, e o principal deles era financeiro. Armando não só não tinha nada, como também deixou dívidas altas de jogo e contas atrasadas.

A cesta básica que Adriano ganhava do sogro ajudava, mas não durava o mês todo, e eles ficavam sem o que comer no final de cada mês. Sua mãe não podia trabalhar, pois não tinha estudo, e seus irmãos ainda eram pequenos. Além disso, Adriano ainda era menor de idade.

Sem saída, Adriano foi até a casa de Bruno para falar com o pai dele. Explicou toda a situação e disse que precisava de ajuda. O homem perguntou como poderia ajudar e se uma boa quantia em dinheiro resolveria. Adriano respondeu que ajudaria num primeiro momento, mas que precisava de alguma ocupação que gerasse uma renda mensal — algo que não fosse vender drogas.

O homem pensou por alguns minutos e disse que tomaria algumas providências, mudaria alguns "guerreiros" de setor e veria se conseguiria encaixá-lo em algo que não estivesse diretamente ligado ao tráfico. Deu a ele dois mil reais e pediu que voltasse em duas semanas, quando já teria pensado em algo.

Adriano passou no supermercado do sogro e comprou mantimentos, frutas, legumes, carne e um monte de biscoitos e iogurte.

Chegou em casa com várias sacolas e o supermercado entregou o restante da compra. Foi uma grande festa. Ele disse à mãe que o pai de seu amigo havia dado o dinheiro

como recompensa por ter ajudado seu filho a passar de ano. Também contou que o homem havia prometido lhe arrumar um trabalho informal.

Ana sabia que havia tráfico de drogas no bairro, mas, como não tinha amigos fora da igreja, não sabia exatamente quem eram os envolvidos. Ela confiava em Adriano, por isso não fez perguntas.

Rebeca, por outro lado, quando ficou sabendo do dinheiro que o pai de Bruno havia dado ao namorado, ficou desconfiada das intenções dele. Mas, como sabia que Adriano tinha ajudado Bruno a passar de ano, só disse para ele tomar cuidado.

Adriano percebeu que a família de Rebeca discriminava muito a de Bruno e ficou pensando na desculpa que ia dar se o pai do amigo lhe arrumasse um trabalho.

Passaram-se 15 dias, e o pai mandou Bruno chamar Adriano em sua casa.

O pai do amigo propôs, então, um trabalho do jeito que Adriano precisava. Ele ia ficar responsável por recolher o dinheiro das bocas pela manhã e à noite. De manhã, ele recolheria o dinheiro arrecadado no plantão da noite e, à noite, arrecadaria a venda do dia.

Ele não precisaria fazer nada, apenas passar nas ruas das bocas nos horários marcados, colocar a sacola com o dinheiro na mochila e levar até a casa do gerente, todos os dias, em horários alternados, mas previamente combinados. Como pagamento pelo serviço, o novo patrão de Adriano, pai de Bruno, ofereceu duas propostas: 1º - Ganhar 600 reais por semana; 2º - Ganhar 2.500 reais por mês.

Adriano optou pelo salário mensal, pois seria mais fácil para ele justificar o dinheiro, e ele precisava dessa renda mensal para ajudar sua mãe e seus irmãos.

Porém, Adriano resolveu um problema e arrumou outros: tinha que inventar um trabalho com salário tão alto para um adolescente de 15 anos, compatível com o horário da escola. Além disso, precisava arrumar algo para fazer fora do bairro todos os dias, para alegar que estava no trabalho. O problema maior não era sua mãe, era Rebeca, ou melhor, o pai dela. Se o sogro ao menos desconfiasse que Adriano, de alguma forma, estava ligado ao tráfico, seria o fim do seu namoro com Rebeca, e ele era completamente apaixonado por ela.

Adriano decidiu que diria que estava vigiando carros e ajudando pessoas a carregarem suas compras na frente de um hipermercado e que lavava os carros enquanto os vigiava. Mas só iria contar que estava "trabalhando" após receber o primeiro mês de salário, pois precisaria chegar com um pouco de dinheiro todos os dias em casa, e no primeiro mês ele não teria essa grana ainda, já que o combinado foi pagamento mensal. Depois, ia dizer que juntaria o dinheiro que ganhava por dia para ajudar a mãe nas contas do fim do mês.

Adriano passou a recolher o dinheiro todos os dias nos horários determinados pelo gerente. Na primeira segunda-feira do mês seguinte, ele recebeu o seu primeiro salário.

Adriano não era acostumado com tanto dinheiro em suas mãos. Ficou feliz e perdido ao mesmo tempo. No dia seguinte, foi para a escola depois que recolheu o dinheiro do plantão da noite. Ao sair do colégio, disse a Rebeca que iria para o hipermercado vigiar os carros, mas foi para o parque se divertir.

Já tinha ido lá com sua mãe uma vez, mas não pôde brincar nos brinquedos porque sua mãe não tinha dinheiro. Mas agora poderia brincar em todos, e assim ele fez.

Adriano voltou para casa e disse que tinha ganhado 80 reais, entregando-os para a mãe.

Depois disso, passou a ir para o parque todos os dias e voltava após recolher e entregar o dinheiro do plantão do dia.

Dois anos depois, Rebeca engravidou. Foi uma grande alegria para todos. O pai dela gostava muito de Adriano. Admirava o fato de ele, tão novo, manter as despesas de sua casa e achava o genro muito responsável. Adriano já ganhava cerca de 5.000 reais por mês na boca. Além de recolher o dinheiro da venda de drogas, ele guardava as armas do patrão em sua casa.

Seis meses depois da notícia de que ia ser pai, Adriano teve uma grande surpresa desagradável. Há algum tempo, a polícia civil estava monitorando a organização criminosa e, naquele dia, sua quebrada foi alvo de uma operação. Assim que Adriano pegou a bolsa com o dinheiro, ele e os guerreiros foram abordados por policiais disfarçados, e Adriano não soube explicar o dinheiro. Ele foi torturado para dizer onde iria entregar o dinheiro e queriam saber onde ele morava.

Adriano foi conduzido para a delegacia junto com oito envolvidos no tráfico.

Algum tempo depois, chegaram Rebeca, Ana e seu sogro na delegacia. Todos foram pegos de surpresa com a prisão de Adriano e só acreditaram no envolvimento dele depois que os policiais mostraram vários vídeos de Adriano pegando o malote na boca e colocando na mochila. Adriano não conseguiu mentir para a mãe e confessou seu

envolvimento. Rebeca ficou decepcionada, mas disse que o perdoava. Porém, o pai dela não disse nada naquele momento.

Ana assinou um termo de responsabilidade, e Adriano foi liberado. Foram embora no carro do sogro, e o silêncio imperou durante todo o trajeto até a casa de Adriano. Ao chegarem lá, Ana entrou, e Rebeca ficou no carro enquanto o pai conversava com seu namorado. Ele disse que não queria Adriano perto da filha mais, que confiou nele e ele o traiu, por isso não era mais bem-vindo em sua casa. Disse que traria o filho para Adriano ver quando nascesse, pois não queria ele perto da sua filha.

Em seguida, disse a Rebeca que ela estava proibida de se encontrar com Adriano.

Já o pai de Bruno, patrão de Adriano, ficou muito satisfeito com a postura dele. Disse a Adriano que, agora que todos sabiam do seu envolvimento, ele poderia vender drogas e que teria um plantão, ganhando por semana o que estava ganhando por mês. Adriano estava revoltado com o sogro, por isso aceitou a proposta e passou a andar fortemente armado no bairro.

O filho nasceu, e quando Adriano foi até a casa de Rebeca para conhecê-lo, foi impedido pelo sogro de entrar. Então, reuniu alguns comparsas armados, rendeu o sogro e entrou à força para conhecer o filho.

Por mais que Rebeca tenha ficado feliz com a presença do seu amor, ficou chateada com a forma que ele entrou. Os dois homens que ela mais amava estavam em pé de guerra.

Adriano disse que iria comprar uma casa e tirar Rebeca dali, mas ela pediu para ele abandonar o tráfico, pois só assim eles seriam felizes.

Adriano disse ao sogro que o respeitava e não queria ter feito aquilo, mas ninguém iria impedi-lo de ver o filho, nem mesmo ele. Depois, foi embora com os seus comparsas.

O pai de Rebeca a proibiu de ver Adriano e disse que o rapaz só veria o filho na presença dele.

Passou-se algum tempo, e a relação entre Adriano e o sogro deu uma trégua nos conflitos. A decepção do sogro diminuiu quando ele percebeu a dedicação que Adriano tinha com Rebeca e o filho.

O pai de Rebeca passou a refletir sobre as atitudes de Adriano e constatou que, mesmo envolvido no crime, não podia deixar de admitir que ele era um bom rapaz. Pensou em tudo que ele sofreu desde criança, com o vício do pai, nas dificuldades que sua família enfrentou com a morte dele e entendeu que Adriano não teve muitas opções. Refletiu também sobre o fato de Adriano não ter abandonado a escola.

O pai de Rebeca sabia que ela se encontrava com Adriano todos os dias no beco onde ele ficava armado e levava o filho junto para ver o pai. Os dois tinham se formado no Ensino Médio e o pai de Rebeca tinha medo de que a filha saísse de casa, pois ela e Adriano já tinham completado 18 anos, e Adriano estava sondando casas no bairro para comprar.

Ele sabia que continuar se opondo ao namoro da filha com Adriano era o mesmo que dar um tiro no próprio pé, pois os dois se amavam, tinham um filho e eram maiores de idade. A única solução era tirar Adriano do crime. Estava disposto a ajudar, mas, diante dos conflitos que teve com o genro, sabia que ele não aceitaria a ajuda do sogro se fosse oferecida diretamente. Então, o pai de Rebeca foi falar com Ana para,

juntos, convencerem Adriano a abandonar o crime. Também conversaria com a filha para ajudá-los.

O pai de Rebeca disse para a filha que daria um emprego para Adriano em sua empresa. Assim, pediu que Rebeca o convencesse a fazer uma faculdade de Administração, pois, quando se formasse, teria uma vaga garantida na diretoria.

Rebeca não se conteve de tanta alegria.

Ela foi falar com o namorado, mas ele disse que não aceitaria migalhas do pai dela. Ana também tentou conversar com o filho, mas ele não quis nem terminar de ouvir. Então, o pai de Rebeca foi falar com ele sobre o futuro. Pediu desculpas por não ter compreendido tudo que Adriano passou antes de julgá-lo tão implacavelmente. Disse que antes não podia fazer muito por ele, mas agora ele era maior de idade, e o sogro poderia abrir as portas para que construísse seu futuro de forma honesta. Falou que a vida estava lhe dando uma chance de um novo recomeço.

Mas Adriano não estava muito interessado em largar o crime e respondeu que ia pensar.

Passaram-se seis meses e Adriano ainda estava na mesma. Certo dia, houve uma troca de tiros e Adriano foi atingido no braço, mas nada grave. Ele nem precisou enfaixar ou ir ao médico. Foi à farmácia e deu dois pontos nos ferimentos da bala.

Adriano foi até a casa de Rebeca chamá-la para ver a casa que pretendia comprar. Quando ela soube dos tiros, ficou desesperada e disse ao amado:

— Eu te amo mais do que tudo nessa vida! Tenho me esforçado e feito de tudo por nós. Fui contra o meu pai, fui

contra os meus valores para te entender, para estar com você! Estou sempre ao seu lado, sempre percebendo suas necessidades, para estar com você! Agora você me chega com um tiro no braço como se não fosse nada, sem levar em conta que, por alguns centímetros, não acertou seu coração. Nem você pensa em você, não pensa no seu filho e muito menos em mim! Você não vê que tudo que fiz foi por você? E se você morrer numa troca de tiros, tudo que passei foi em vão!

E continuou:

– No começo, eu te apoiei porque você não tinha opção, mas hoje você tem e está optando pelo crime, por vaidade e por egoísmo. Sua mãe quer te ajudar, meu pai quer te ajudar, mas você não quer! Você sabe a falta que faz um pai, eu não sei e não quero que o meu filho saiba. Não adianta procurar casa porque eu não vou morar com bandido! Eu quero o Adriano por quem me apaixonei, não esse bandido egoísta que não tem nem amor-próprio. Eu não posso e nem vou te obrigar a largar o crime, mas se você escolher essa vida, me esquece e esquece que tem um filho, porque, cedo ou tarde, se você não for preso, vai ser morto. De qualquer forma, fico sem você. Meu sofrimento será inevitável, mas nosso filho eu posso poupar desde já desse desgosto. Se for para crescer longe do pai, ou sem pai, que seja desde já. Mas você tem escolha, está nas suas mãos: sua família ou o crime, seu filho ou seu orgulho. Eu te amo e não vou desistir de nós, mas chegou a sua hora de fazer uma escolha pela família, um sacrifício por algo que está te fazendo mal, por quem tem o melhor para te dar, que é o amor. Me procura depois de ter abandonado essa vida ou então não me procure mais. Só lembra que amamos você!

Adriano ficou paralisado enquanto o portão se fechava na sua frente. Como não percebeu que estava fazendo tão mal à sua amada? Ele também não tinha se dado conta do quão perto o tiro passou do seu coração. Dez centímetros para o lado e seu filho estaria órfão de pai.

Adriano passou a refletir sobre o que tinha ouvido de sua amada. Realmente, entrou nessa pensando no melhor para a família, mas que exemplo estava dando para os irmãos? A família não queria ele naquela vida, e o sogro fez uma boa proposta. Então, Adriano foi até o patrão e disse que estava fora. Mas o patrão não queria aceitar. Disse que Adriano tinha um compromisso com ele, que ele o tirou do buraco e que este lhe devia gratidão.

Mas Adriano disse que o patrão também lhe devia. Ele disse, quando ajudou Bruno, que tinha uma dívida de gratidão com ele, e Adriano só o ajudou, nunca deu um problema, sempre o defendeu, sempre fez o seu melhor, nunca o traiu ou o entregou para ninguém. Mas agora estava cobrando a dívida: que era para liberá-lo. Acrescentou ainda que o patrão tinha duas opções: liberá-lo ou matá-lo. Virou as costas e saiu.

Adriano foi até o sogro e disse:

— O senhor foi, para mim, mais que um pai, e eu te decepcionei. O senhor me estendeu a mão outra vez, e eu te decepcionei de novo. Eu peço desculpas do fundo do meu coração e também aceito sua ajuda. Quero mudar e já deixei o tráfico de drogas. Gostaria de comprar ações do supermercado e virar seu sócio, além de trabalhar no setor que o senhor indicar para aprender. Com o salário, vou ajudar minha mãe, e com o lucro das ações, vou pagar minha faculdade. Se o senhor quer mesmo me ajudar, faça isso por mim. Amo sua filha e não estou disposto a perdê-la!

O sogro aceitou a proposta de Adriano e o colocou como auxiliar administrativo. Adriano se acertou com Rebeca e começou a faculdade de Administração.

Oito períodos corresponderam a quatro anos de muita dedicação e, finalmente, Adriano estava formado.

Seus amigos da boca não estavam mais lá. Uns morreram, outros foram presos. Entre os que morreram estava o pai de Bruno, que virou o novo patrão do morro. Adriano se tornou gerente geral do supermercado e Tomás, o gerente financeiro. Rebeca ensinou Ana a ler e a escrever após se formar em Pedagogia.

Três anos após se formar, Adriano comprou a casa que pretendia e foi morar com Rebeca e o filho.

Fim.

O QUE FICOU POR FALAR

(Projeto Bárbara Carine – Vamos nos colocar no lugar do outro, mas antes, coloque pra fora o que pesa em você)

O que você escreveria em uma carta para alguém que ama?

VÓ,

gostaria de te dizer o quanto eu te amo, o quanto a senhora foi importante na minha vida. Infelizmente, a senhora partiu e me deixou só a saudade. Eu não tive a oportunidade nem de me despedir da senhora. Queria ter te pedido perdão, mas agora é tarde para isso. A senhora se foi, e eu ainda estou no mesmo lugar.

Se eu pudesse voltar no tempo, jamais teria entrado para o mundo do crime. Jamais teria feito a senhora sofrer. Vó, a senhora é um pedaço de mim, e quando a senhora partiu, esse pedaço foi junto.

Só queria ter tido a oportunidade de te dizer o quanto eu te amo, o quanto a senhora foi especial na minha vida, na minha história. Só queria ter tido o privilégio de ter convivido mais com a senhora. Infelizmente, essa vida miserável me privou de estar com as pessoas que eu mais amo, e a senhora é uma dessas pessoas.

Eu vim preso em 2012 e estou até hoje. Como poderia imaginar que a senhora iria partir em 2019? Não me

deixaram nem me despedir da senhora. O que me conforta é saber que a senhora, antes de nos deixar, aceitou Jesus como o Senhor de sua vida e hoje está nos braços d'Ele.

Vó, eu hoje estou firme. Abandonei tudo de ruim e vivo limpo, livre das drogas, do cigarro, do vício. Já não sou mais um bandido.

Vó, te amo, me perdoe por tudo, te amo sem limites. A senhora é e sempre será o amor da minha vida. É isso que eu gostaria de ter falado enquanto a senhora estava aqui, mas não pude. Te amo para sempre.

Seu neto.

PAI,

Hoje, sentado aqui na cela, decidi escrever essa carta. Não é pra você, na verdade. É pra mim, pra mãe e pros meus irmãos. É uma carta de perdão, mas não pra você. É pra gente, que carregou tanto ódio e dor por tanto tempo.

Lembro como se fosse hoje: eu tinha nove anos quando te vi dando socos e empurrões na mãe. Corri pra separar, mas você virou pra mim e me bateu tanto, que demorei dias para me recuperar. Foi depois disso que eu descobri que tinha ficado surdo de um ouvido. Naquele dia, algo dentro de mim morreu. As brigas não eram todo dia, porque você sumia no mundo. Mas quando voltava, era sempre a mesma coisa: só queria saber de ter comida pronta, os filhos tinham que ficar calados e a televisão obrigatoriamente tinha que estar liberada pra você. Teve um dia que você arrancou sangue da gente com uma mangueira. A mãe tentou separar, e você jogou ela longe com tanta força que quebrou o dente dela.

Meu sonho, desde criança, era acabar com você pra sempre. Achava que, se você morresse, a gente teria uma vida diferente. Aos doze anos, num sábado, enquanto você agredia a mãe, eu liguei pra polícia. Você foi levado, mas voltou com mais ódio ainda. Numa tarde eu perguntei pra nossa mãe porque que ela não te largava e ela disse que eu não ia entender. Em mais uma noite você chegou bêbado e tentou estuprar a mãe. Meus irmãos choravam sem medo de apanhar. Eu peguei uma faca e quase consegui te matar. Quase.

Até que um dia chegou a notícia: você tinha se envolvido com uma mulher na rua, e o marido dela colocou fim à nossa dor. Quando soube, não senti tristeza. Senti alívio. A gente finalmente estava livre.

Essa carta não é pra te perdoar, pai. É pra me perdoar por ter desejado tanto a sua morte. É pra mãe, que sofreu calada todos esses anos. E pros meus irmãos, que cresceram com medo de você. A gente merecia mais, pai. Merecia um pai que protegesse, que amasse, que cuidasse, mas você não foi nada disso, nem em amor e nem em dinheiro.

Hoje, aqui na cadeia, eu entendo que o perdão não é pra você. É pra gente seguir em frente, sem carregar tanto ódio. Você destruiu a vida dos seus filhos. Eu estou dando sequência ao que você começou. Eu estou destruindo, eu mesmo, a minha vida. Mas vou sair dessa, não quero ter o senhor como modelo.

Apesar de tudo, seu filho.

DIRETO AO PONTO, MAS LONGE DO FIM!

(Projeto Nise da Silveira – reflexões sobre caminhos trilhados e sobre os ciclos não fechados)

A) O que leva uma pessoa ao crime?

Custodiado 1: “Esta pergunta não se resume em uma só resposta, porque pode acontecer de várias formas diferentes. Tem algumas pessoas que entram para o crime por necessidade mesmo, outras porque têm parentes e amigos que já são do crime. E tem a ilusão. Eu digo que é isso porque você vê uma pessoa ‘na errada’, com carrão, e vê que ela ‘se deu bem’. Aí vem na mente: ‘Eu também posso conseguir, posso entrar pra essa vida e me dar bem também’. Ninguém para pra pensar que tá fazendo o errado, na cadeia que pode tomar, perdendo boa parte da sua vida. Nas decepções que tem nessa vida, sem contar a tristeza que trazemos pra nossa família e para outras.

Aí nós vemos a pessoa com uma mulher bonita, uma casa grande e boa, cheia de dinheiro, saindo só para os melhores lugares. Todos que encontram com essa pessoa ou têm medo ou ‘pagam simpatia’ pra ela. No momento, tudo parece ser tão fácil que te cega e te ilude tão rápido que você nem para pra pensar nas ‘merdas’ que está fazendo e na decepção que está causando em si próprio e na sua família. Sem contar o mal que está causando ao próximo. Por isso, a ilusão atrai muitas pessoas ao crime.”

Custodiado 2: “Na minha opinião, o que leva uma pessoa para o crime é a ambição e a ganância de querer status de bandido, os valores invertidos da vida. Quem abre a porta é a desigualdade e a falta de oportunidade, algumas vezes as más influências ao redor de onde a pessoa é criada.”

B) Prisão muda alguém?

Custodiado 1: “A prisão pode mudar uma pessoa tanto para o bem como para o mal. Eu acho que quando muda para o mal é porque o sistema tem tanta opressão que a pessoa vai acumulando tanto ódio de tudo que sua mente só pensa em destruir. E pode mudar para o bem porque a pessoa já viu tanta coisa que é o suficiente para perceber que aquilo é uma das piores coisas que já passou na vida, e ela tem muito medo de passar por isso tudo novamente.”

Custodiado 2: “A perda da liberdade é dolorosa. O sofrimento que causamos em nossa família é inexplicável; momentos solitários e de sofrimento, tristes dias em que somos obrigados a refletir sobre os valores da vida. Momentos em que chegamos ao fundo do poço, sozinhos, sem ninguém. Só Deus. Quem passa por isso sabe que a prisão não muda ninguém, mas sim a pessoa que muda a si própria. Eu penso na prisão não como um lugar, mas como um conjunto de coisas terríveis.”

C) Como a família pode ajudar a evitar que algum dos seus entes entre para o crime?

Custodiado 1: “Eu tenho plena convicção de que a família pode fazer toda a diferença, não escondendo das crianças a verdade, porque, senão, a criança vai começar a conhecer por si própria. Aí ela vai querer ver, saber o que é. Aí que vem a ilusão. Um pai, uma mãe podem fazer diferença, sim, mostrando aonde o crime leva as pessoas, como ficar dependente de drogas e ter muita dificuldade de superar. A família tem que ter um diálogo, ser amiga, para que isso não venha a acontecer.”

Custodiado 2: “Mais união e aconselhamentos em família evitariam muita coisa. Pena que nem todo mundo tem uma família estruturada. Às vezes, o pai nem se sabe por onde anda; a mãe é honesta, mas precisa ficar distante para ganhar o dinheiro do sustento da casa e, aí, perde esse momento importante de referência para as crianças.”

D) Como a escola pode ajudar a evitar que alguém entre para o crime?

Custodiado 1: “A escola tem muitos projetos bons que já dão alguma base sobre criminalidade e drogas. Só acho que precisam explicar mais para todas as crianças e adolescentes a realidade da vida, falando na linguagem do aluno, para que aí, sim, seja uma base sólida para o seu aprendizado.”

Custodiado 2: “A escola ajudaria ainda mais dando acesso a atividades esportivas fora do horário de aula, oferecendo cursos profissionalizantes, preenchendo o tempo das crianças e adolescentes com conhecimento, lazer, esporte, evitando que elas fiquem na rua e abrindo mais as portas do

conhecimento. Sei que a escola já faz demais, isso que estou falando seria para além do que ela já faz. Agora, eu acho que a escola precisa é de mais atenção por parte dos governos. Se não investirem nos professores, quem sai perdendo somos todos nós”.

ATÉ NO SONO, SEJA VIGILANTE!

(Projeto Sonolência Observadora - Djonga - Ler e discutir os provérbios africanos, refletindo coletivamente sobre seus significados. Em seguida, interpretar individualmente cada provérbio e escrever uma história pessoal relacionada ao seu sentido)

A) Quando as raízes são profundas, não há razão para temer o vento

Custodiado 1: “Então, se temos alguém por nós, pode ser amigos de infância ou familiares, não precisamos temer o pior.”

Custodiado 2: “Me decepcionei muito em minha vida, o que me levou a certas atitudes que hoje, com meus 25 anos, me arrependo muito. Precisava de raízes fortes e não tinha.”

Custodiado 3: “É como a construção de uma casa quando está no início da fundação. Se você não faz uma base forte, se alguma coisa acontecer, essa casa vai ao chão. Na vida, quando temos estrutura familiar, conseguimos passar por muita coisa. No meu caso, essa casa não tinha fundação.”

B) A lua se move lentamente, mas atravessa a cidade

Custodiado 1: “Pode demorar o tempo que for, mas alcançaremos nossa meta. Semelhante ao que vivemos aqui no sistema carcerário: ‘a pena é longa, mas não é perpétua’.”

Custodiado 2: “Tudo é uma questão de tempo. Estou lutando e vou continuar. Hoje ainda sinto que estou fraco, por isso preciso ter força e persistência. Tenho conseguido aprender com cada dia. Já tive ódio, hoje eu quero liberdade.”

Custodiado 3: “Em muitos momentos da nossa vida, queremos acelerar as coisas. Eu sempre quis ter um monte de coisa que achava injusto não ter. Quando comprei algo com o dinheiro honesto do meu trabalho, até minha mãe chorou comigo. Demorou? Com certeza, porque sou ansioso. Mas não tem nada melhor.”

C) Quem põe navalha na boca, acaba cuspidando sangue

Custodiado 1: “Quem põe navalha na boca já está à procura de confusão, brigas, tumultos. Aí, desse modo, acaba sofrendo lesões, se machucando e tendo sua vida comprometida.”

Custodiado 2: “Quem faz isso com a navalha se machuca, com certeza. Comigo foi assim. Mas vou te dizer que o sangue respingou na minha mãe, que foi julgada pelo que eu fiz. Morreu de desgosto.”

Custodiado 3: “Muitas vezes, usamos ou falamos algumas palavras que acabam machucando, magoando, mesmo que essa não seja nossa intenção.”

D) Montei num elefante, os amigos chegaram; morreu o elefante, os amigos se foram

Custodiado 1: “Está explícito já: nós valem o que temos. O mundo é cheio de pessoas interesseiras, de olho em quem você é e no que pode beneficiá-las.”

Custodiado 2: “Muitos viram as costas para você hoje, por você andar a pé. Vão te julgar a todo instante. Assim, devemos ter sabedoria para conhecer quem se interessa por quem você é ou pelo que você tem.”

Custodiado 3: “Esse provérbio encaixa perfeitamente na vida de muitas pessoas. Quando você está por cima, todo mundo quer estar do seu lado. Montar no elefante é bom demais. Experimenta quando ele morre. Poucos ficarão para te ajudar a carregar o peso.”

E) Se o touro vem pra cima, deite-se!

Custodiado 1: “O touro simboliza a ira, a raiva, e você se deitar diante dessa situação é evitar problemas, ocasiões desconfortáveis, brigas e intrigas. Tem que ter humildade para deitar diante dos problemas e evitar coisa pior.”

Custodiado 2: “O touro, para mim, é mentira, atribuições, falsidade, vaidade e ganância.”

Custodiado 3: “É muito comum, na nossa jornada, encontrarmos vários obstáculos que acabam nos impedindo de prosseguir por não sabermos como lidar com eles. É preciso ter conhecimento para olhar para cada situação dessas. E o deitar desse provérbio é ter paciência e conhecimento”

QUANDO O SILÊNCIO ENCONTRA VOZ!

(Projeto Lélia González – Com base em sua experiência de vida, escreva cartas destinadas aos públicos indicados. Neste caso, o foco foi uma carta direcionada aos professores)

Uma boa tarde, queridos professores.

Através desta carta, venho falar sobre como o estudo é muito importante para nossa vida e como é fundamental o trabalho dos professores. Hoje eu vejo que, sem estudos, nós perdemos muitas oportunidades boas na vida. Vocês sempre estarão de parabéns pelo seu trabalho, e espero que todos os jovens pensem bem na escolha de estudar. Agora, vou contar uma história que mostra como escolhas erradas nos trazem sofrimento e como, sem os estudos, perdemos coisas boas.

Vou contar uma história de um menino chamado André, para ilustrar isso. Essa até poderia ser a minha história:

“Era nove e meia da noite, e eu, minha mãe, meus dois irmãos e meus avós estávamos jantando e assistindo televisão. Enquanto tomávamos aquela sopa quentinha, aproveitávamos também aqueles minutos de paz. Momentos assim pareciam um sonho. A casa onde eu morava era muito simples, mas minha mãe sempre fazia questão de mantê-la limpíssima, a ponto de, às vezes, dar pena de pisar no chão. Na sala, havia uma mesa pequena para almoçar ou jantar,

mas sempre preferíamos comer no sofá, porque de frente para ele ficava a televisão.

Uma noite, quando acabamos de jantar, minha mãe foi para a cozinha lavar a louça e meus avós foram dormir.

Não sei quanto tempo dormi, mas, de repente, acordei com um barulho de vidro quebrando e os gritos da minha mãe. Pulei da cama desesperado e acordei meus irmãos. Corri para encontrar minha mãe e, quando cheguei lá na sala, me deparei com uma cena que quase fez meu coração parar: meu pai estava estrangulando minha mãe.

Fui para cima do meu pai e, com a ajuda do meu avô, conseguimos empurrá-lo para tirá-lo de cima dela. Nisso, olhei para o chão e vi muito sangue. Pensei que ele tivesse esfaqueado minha mãe.

Sáímos todos correndo para fora da casa só com a roupa do corpo e fomos para a casa da minha tia. A paz tinha chegado ao fim mais uma vez.

O tempo passou, e minha mãe decidiu se divorciar do meu pai. A separação, para ela, foi um alívio. Pra nós também. Com medo de que o pior acontecesse comigo e percebendo que eu já não era mais o mesmo, minha mãe me mandou para a casa do meu tio em São Paulo.

Quando cheguei em São Paulo, percebi que nunca tinha me sentido tão sozinho na vida. Nessa época, eu tinha apenas 11 anos. Meu tio me deu um quarto e roupas novas, pois eu tinha chegado apenas com a roupa do corpo.

Eu não estava nem um pouco feliz, pois estava longe da minha família, dos meus amigos e de tudo o que eu tinha vivido onde nasci. Sentia que estava sozinho e muito desanimado. Eu não via futuro para mim ali. Sentia saudade

de tudo. Meu tio sempre queria me agradecer, mas eu não queria ficar naquele lugar. Eles me tratavam tão bem e queriam que eu estudasse para ser alguém na vida, mas eu estava com a mente fechada, e tudo o que eles faziam não me agradava em nada. Eles só me agradariam se me levassem de volta para casa.

Meu tio me matriculou na escola, e eu até ia, mas apenas para tirar a paz das professoras e dos alunos. Jogava giz nos colegas, água no cabelo das meninas, disparava o alarme da escola. Meu tio foi chamado várias vezes e quase todo dia brigava comigo por causa do meu comportamento. Um dia, levei uma faca para o colégio e ameacei a diretora porque ela me suspendia direto. Chamaram meu tio novamente, e eu fui expulso. Meu tio foi chamado no Conselho Tutelar, onde disseram que, se eu não estudasse e não mudasse meu jeito, ele perderia minha guarda e eu teria que ir para um orfanato.

Meu tio veio conversar sério comigo e disse:

— O que você quer da sua vida? Quer morar em um orfanato, onde será apenas mais um?

Eu disse que não queria ir para um orfanato, mas também não me sentia feliz ali. Naquele dia, meu tio estava me dando uma chance. Ele me disse:

— Se você mudar seu jeito, estudar e se dedicar, prometo que essa sensação ruim vai desaparecer.

Fui matriculado em outro colégio e, novamente, fazia bagunça e coisas erradas. Meu comportamento me dava fama de levado e "criança mimada pelos pais". Mas eu só pensava: "Que pais?"

Um dia, a professora me chamou e perguntou:

— Por que você age assim? Eu fico triste de ver você sendo chamado a atenção quase todos os dias.

Respondi que era porque eu estava longe da minha família, não era feliz e não tinha ânimo para nada.

Então, ela disse:

— Eu sei o que você está passando. Sabe por quê? Porque perdi minha família quando tinha apenas nove anos e tive que viver em um orfanato, onde não conhecia ninguém e ninguém ligava para o que eu pensava ou sentia. Nada do que eu fazia dava certo, até que conheci uma pessoa que cuidou de mim e me ajudou a superar tudo. Lembre-se de que o seu tio quer o seu bem e ama muito você. É por isso que está sempre te orientando. Ele quer que você tenha um futuro bom, sem dificuldades ou problemas.

Comecei a chorar e falei para a professora que, de agora em diante, seria diferente. Disse que iria estudar e não daria mais problemas nas suas aulas. Abracei a professora e agradei por ter me motivado a pensar diferente.

Fui para casa e fiz uma lista de coisas que iria mudar, uma lista de coisas boas e ruins. Boas: carinho, amor, ânimo, compreensão, família, estudar, ser honesto, ser humilde, mudar meu jeito, escutar meu tio, escutar a professora. Ruins: brigas, bagunça, palavrões, roubo, reclamação, mágoa, tristeza, ódio, vingança, mentira, pensar em coisas ruins, fumar.

Mostrei a lista para a professora e disse que iria fazer todas as coisas boas e que as ruins jogaria fora da minha vida.

Através do conselho da professora, aquele pequeno garoto voltou a ter alegria e a sonhar de novo. A professora teve um grande papel na minha vida, e não somente na

minha. Hoje, aquele pequeno garoto está estabilizado em sua vida.

Casei-me com uma linda mulher e tive filhos maravilhosos. Tenho um belo emprego e vivo muito feliz. Se eu não tivesse ouvido minha professora, talvez hoje minha vida fosse completamente diferente. Tenho meu tio como um pai e agradeço a ele por não ter desistido de mim. Ele e minha professora foram essenciais para a minha transformação.

A MENINA DOS MIL TSURUS

Uma ala de uma das unidades prisionais de São Joaquim de Bicas produz tsurus, a ave sagrada do Japão, símbolo da saúde, da boa sorte, da felicidade, da longevidade e da fortuna, pela técnica do origami. A produção é doada para escolas, lares de idosos e projetos sociais. A este projeto demos o nome de "Faz Bem", mas que, em 2025, será rebatizado para "Faz Bem - Sadako Sasaki".

Era uma vez uma menina chamada Sadako Sasaki. Ela tinha apenas dois anos quando o mundo ao seu redor parecia que ia desaparecer. Era 6 de agosto de 1945, e o céu de Hiroshima, no Japão, foi rasgado por um clarão que ninguém jamais esqueceria. Um avião bombardeiro B-29, pilotado por Paul Tibbett, soltou uma bomba apelidada de "Little Boy" (pequena em comparação à bomba lançada sobre Nagasaki, que recebeu o nome de "Fat Man"). Em segundos, a vida de milhares de pessoas mudou para sempre.

Sadako vivia com sua família a pouco mais de um quilômetro do local onde a bomba caiu. Quando o clarão surgiu, seguido por um incêndio que consumiu tudo, sua mãe conseguiu pegá-la e ao irmão e correr. Mas a avó, que voltou para buscar algo dentro de casa, nunca mais foi vista. O pai, Shigeo, não estava na cidade naquele dia. Quando voltou, encontrou a família em meio ao caos.

Os anos que se seguiram foram difíceis. A família enfrentou problemas financeiros e de saúde, como tantos

outros sobreviventes. Mas o pior ainda estava por vir. Quando Sadako completou 12 anos, foi diagnosticada com leucemia, uma doença que muitos chamavam de “doença da bomba”. Ela foi internada, mas, mesmo diante da dor, mantinha um sorriso no rosto e um brilho nos olhos.

Foi no hospital que Sadako conheceu os tsurus, aquelas dobraduras de papel que pareciam mágicas. Um dia, o Clube Juvenil da Cruz Vermelha lhe deu alguns origamis, e ela perguntou ao pai o que significavam. Shigeo contou-lhe uma lenda japonesa: se uma pessoa dobrar mil tsurus, os deuses realizarão um desejo seu.

Sadako, com aquela esperança que só as crianças têm, decidiu dobrar mil tsurus. Ela queria se curar, voltar para casa, brincar com os amigos. Dobrava papel após papel, com dedos que às vezes tremiam de fraqueza, mas nunca desistia. Quando atingiu mil tsurus, fez seu pedido. Mas a doença não recuou.

Ela não desanimou. Continuou dobrando, agora para o pai, para a mãe, para o irmão. E quando percebeu que talvez não fosse ficar curada, seu desejo mudou: queria que sua família encontrasse paz. Em outubro de 1955, Sadako partiu, deixando para trás 1.300 tsurus espalhados pelo quarto do hospital.

A história de Sadako correu o mundo. Ela se tornou um símbolo de esperança e resistência. Em 1958, um monumento foi erguido em sua homenagem no Parque do Memorial da Paz de Hiroshima. A estátua mostra Sadako segurando um tsuru, e na base está escrito: “Este é o nosso grito. Esta é a nossa oração. Paz no mundo.”

Até hoje, pessoas de todos os cantos do planeta enviam tsurus para Hiroshima, em memória de Sadako e de todas as crianças que perderam a vida naquela tragédia. E assim, a menina que dobrou papel até o fim continua nos lembrando de que, mesmo nas horas mais escuras, há sempre espaço para um pouco de luz.

Paz no mundo. Esse era o desejo de Sadako. E que seja o nosso também.

Obs.: Há uma versão popular da história que diz que Sadako faleceu pouco antes de atingir seu objetivo, tendo dobrado apenas 644 tsurus, e que seus amigos completaram os mil para enterrá-los com ela. Essa versão vem do livro “Sadako and the Thousand Paper Cranes”, uma narrativa novelizada de sua vida. No entanto, uma exibição no Museu Memorial da Paz de Hiroshima afirma que, no final de agosto de 1955, Sadako já havia atingido seu objetivo e continuou a dobrar mais 300 tsurus. Seu irmão mais velho, Masahiro Sasaki, também confirma em seu livro “The Complete Story of Sadako Sasaki” que ela alcançou a marca dos mil tsurus.



cultural
tiofaviocultural.com.br



ARTE IMPRESSA EDITORA

www.artepressaeditora.com.br

clubearteimpressa@gmail.com

Publique seu livro conosco!

“Por muito tempo, acreditei que o céu havia desaparecido.

Quando estamos perdidos na dor, no medo e nas nossas próprias sombras, fica difícil enxergar qualquer coisa além do que nos sufoca. Mas a verdade é que o céu nunca some — somos nós que, em alguns momentos, deixamos de olhar para ele.

Estou há três anos limpo e sóbrio, mas antes disso, conheci o fundo do poço. Fui preso por causa do uso e abuso de drogas e, naquele momento, percebi que tudo o que eu achava que tinha — fama, prazer, poder — era uma ilusão. A fama, assim como a droga, dá uma falsa sensação de plenitude, mas no fim só nos deixa mais vazios. A superação não acontece por acaso; ela exige escolha. O céu sempre estará lá fora, mas é preciso querer vê-lo.

Cada passo para fora da escuridão é uma decisão. Decisão de não ser refém do passado, de não se prender às quedas, de acreditar que existe algo maior nos esperando adiante. Ninguém disse que seria fácil. Eu mesmo vivi momentos em que duvidei se conseguiria continuar. Mas aprendi que superar não é apagar o que passou, e sim transformar a dor em força.

Só estou aqui hoje porque escolhi enxergar além da ilusão e porque encontrei o verdadeiro amor na minha família. É este o amor que me mantém firme, com o desejo de continuar limpo e seguir em frente.

Enquanto houver vida, sempre haverá a chance de recomeçar. E enquanto houver amor, sempre haverá um motivo para levantar a cabeça.”

Sander Mecca

- Músico, empreendedor na Mecca Gourmet, participante do programa “A fazenda 15”, autor dos livros “Inferno Amarelo” e “Correntes Invisíveis” e coautor de “Toda dor e todo amor que sinto aqui”, -



www.artepressaeditora.com.br



cultural